

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE

JANIANA FERREIRA DE MELO

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS DESAFIOS PARA A DOCÊNCIA

APARECIDA DE GOIÂNIA
2023



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor:

Gabriana Ferreira de Melo

Matrícula:

20181090080302

Título do Trabalho:

A Educação de Jovens e Adultos e os desafios para a docência

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
- ☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
- ☐ Outra justificativa: _____

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiânia 03/08/23
Local Data

Larissa Ferreira de Melo
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

JANIANA FERREIRA DE MELO

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS DESAFIOS PARA A DOCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Licenciatura em Pedagogia Bilíngue.

Orientadora: Profa. Dra. Keith Daiani da Silva Braga.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M528 Melo, Janiana Ferreira de
A educação de jovens e adultos e os desafios para a docência. / Janiana Ferreira de Melo. - Aparecida de Goiânia, 2023.
55 f.

Orientadora: Dra. Keith Daiani da Silva Braga.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2023.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Docência. 3. Andragogia. 4. Educação freireana para autonomia. I. Título.

CDD 374

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

TERMO DE APROVAÇÃO

JANIANA FERREIRA DE MELO

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS DESAFIOS PARA A DOCÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Aparecida de Goiânia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Bilingue e desenvolvido na linha de pesquisa Educação, cultura e sociedade sob orientação da Profa.Dra. Keith Daiani da Silva Braga.

Aprovado em 30 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Profa.Dra. Keith Daiani da Silva Braga

(Presidenta - orientadora)

(assinado eletronicamente)

Profa.Ma. Gessica Filgueiras Milagre

(Membra Interna)

(assinado eletronicamente)

Profa.Dra. Aleir Ferraz Tenório

(Membra Interna)

Documento assinado eletronicamente por:

- Aleir Ferraz Tenório, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 14/07/2023 10:44:37.
- Gessica Filgueiras Milagre, PROF ENS BAS TEC TECNOLÓGICO-SUBSTITUTO, em 14/07/2023 10:30:09.
- Keith Daiani da Silva Braga, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 13/07/2023 16:25:14.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 12/07/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 430541

Código de Autenticação: 08e63c76e6



Ao meu eu do passado, que sonhava com este momento, mas temia que suas palavras fossem descobertas, você chegou até aqui, orgulhe-se, Garota!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela minha vida, por ter sido meu alicerce na persistência, coragem e força de vontade, me ajudando a ultrapassar todos os obstáculos ao longo de todo o curso.

Aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar mesmo em meio a tantos desafios e dificuldades ao longo do caminho, a você Hilda minha mãe que me apoiou como melhor amiga, conselheira, força e esperança, ao meu pai Juvenal por sempre ser paciente comigo e sempre me fazer companhia.

Aos meus filhos Larissa e Caio Máximo por estarem sempre perto de mim, aos meus netos Maria Laura e Paulo Antônio por compreenderem o tempo que a vovó precisou se ausentar de vocês, aos meus irmãos e familiares que me incentivaram, me apoiaram nos momentos mais difíceis e entenderam a minha ausência, enquanto eu me dedicava a realização deste trabalho.

Aos amigos e amigas que estiveram ao meu lado pela amizade incondicional, em especial meu amigo e pai dos meus filhos: Roberto, que não está mais aqui entre nós fisicamente, mas eternamente em meu coração, nunca esquecerei o quanto me ajudou e me incentivou a estudar, agradeço demais a Denize por me ajudar, é como uma mãe para mim.

À todas as professoras e professores que compartilharam seus saberes em sala de aula durante o curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, coordenadoras e demais funcionários do Instituto Federal de Goiás Campus Aparecida de Goiânia, que sempre me acolheram com atenção e carinho contribuindo imensamente para o desenvolvimento do meu trabalho acadêmico e ajudando a multiplicar de forma deslumbrante seus conhecimentos acerca da prática docente.

Especialmente, agradeço a professora Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas. Para estar aqui, finalizando essa pesquisa de TCC, escrevendo meus agradecimentos, precisei vencer meus medos, minha vergonha, me encorajar a cada dia e me deixar ser encorajada também. Um momento decisivo e inesquecível que me marcou foi no primeiro período da faculdade no ano de 2018, no dia da aula de sociologia com a querida professora Jaqueline. Ela levou um vídeo que me identifiquei muito, era sobre os alunos que tinham dificuldades de retornar aos estudos e que se culpavam por não conseguirem. Por muito tempo me culpei por isso, me lembro que eu e mais algumas colegas ficamos depois da aula para

desabafar com ela, eu especificamente por ter ficado muito tempo sem estudar 17 anos. Chorei muito e falei para ela que não ia conseguir porque achava os textos muito difíceis, que a faculdade não era para mim. Tinha vergonha de me pronunciar e as outras pessoas me julgarem por ter dificuldades, e ela nesse dia me abraçou, me acolheu como ser humano e como aluna. Nunca irei esquecer as palavras dela: “você vai continuar sim, a culpa das suas dificuldades não é sua, não se culpe, aqui é seu lugar sim, conte sempre comigo, você vai conseguir”, vou levar esse momento para minha vida. Essa culpa vivida por mim naquele momento se assemelha ao que tantas pessoas da EJA sentem ao voltar a estudar.

Sou muito grata também à professora Aleir Ferraz Tenório, que durante a disciplina de TCC 1 mesmo quando estava sendo transferida para outra unidade da faculdade, me acolheu aceitando ser minha orientadora naquele momento. Na época eu estava com problemas de saúde e sem nenhum orientador, já que todos os outros orientadores já estavam com o número de vagas de orientandos esgotadas.

À minha orientadora Profa. Dra. Keith Daiani da Silva Braga pelos ensinamentos, por me encorajar durante a escrita com tanto carinho, apoio, dedicação e amizade. Durante a escrita do TCC 2 tive um pouco de medo de escrever e foi um momento marcante de extrema importância, porque eu não conseguia escrever. Eu tinha medo de escrever e minha nova orientadora não gostar da minha escrita. Então, a minha querida orientadora Keith também me acolheu e me incentivou a escrever de coração aberto e compartilhar exatamente o que eu compreendia através das leituras e pesquisas, ela me ajudou a romper o medo e conseguir estar onde estou hoje.

Às minhas e meus colegas por me apoiarem no desenvolvimento de todos os trabalhos em grupo, nas apresentações dos seminários, estudos e café da manhã comunitário nos dias de sábado.

A banca examinadora deste trabalho composta pela Profa. Ma. Géssica Filgueiras Milagre e pela Profa. Dra. Aleir Ferraz Tenório pelas significativas contribuições no trabalho e na minha trajetória acadêmica como professoras ao longo do curso.

“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele”.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa abordou o tema da Educação de Jovens e Adultos. O objetivo geral neste trabalho, foi compreender o que é a EJA e os desafios para a docência nessa modalidade de educação. Os objetivos específicos foram: a) compreender o que é a EJA, os seus principais marcos e sujeitos; e b) refletir sobre a prática docente na EJA. Para alcançar os objetivos fizemos uma pesquisa qualitativa do tipo teórica-bibliográfica, pois trabalhei com artigos, textos, livros e um documentário sobre o assunto. O estudo se apoiou teoricamente em: Haddad e Di Pierro (2005), Porcaro (2009), Paulo Freire (2011), Piconez (2013) e Arroyo (2015) nas contribuições da pesquisa que virou documentário “EJA Fora de Série” (2018) desenvolvida por Paulo Carrano. Os resultados dessa pesquisa mostram que a EJA é uma modalidade de educação direcionada aos alunos jovens e adultos que por algum motivo não completaram o ensino regular no tempo considerado certo. Esses alunos e alunas acabaram abandonando a escola em sua grande maioria por precisarem trabalhar, alguns desde crianças, para ajudar os pais e mães no sustento dos gastos familiares, são também sujeitos que enfrentam o racismo e o machismo em suas vidas. Identificamos que ao longo do tempo, a EJA sofreu muitas perdas e descaso no Brasil. Sobre a prática docente na EJA, discutim

os a andragogia, como forma de ensinar adultos. Mas, que somente a andragogia, só uma metodologia de ensinar pessoas adultas não basta para desenvolver uma consciência crítica. Essa é uma diferença da andragogia para a educação pensada por Paulo Freire. O educador Paulo Freire defendia uma educação libertadora, que libertasse as pessoas da opressão, que essa educação causasse uma transformação social, uma educação crítica. Por isso, como resultado percebemos que não é suficiente mudar a metodologia, a forma de ensinar. É preciso mudar também o conteúdo, pois por meio dele o indivíduo deve ser capaz de fazer uma reflexão sobre o seu lugar na sociedade.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Docência; Andragogia; Educação freireana para autonomia.

ABSTRACT

This research addressed the theme of Youth and Adult Education. The general objective of this work was to understand what Youth and Adult Education is and the challenges for teaching in modality of education. The specific objectives were: a) to understand what Youth and Adult Education is, its main milestones and subjects; and b) reflect on teaching practice in Youth and Adult Education. To achieve the objectives we did a qualitative research of the theoretical-bibliographical type, as I worked with articles, texts, books and a documentary on the subject. The study was theoretically based on the authors: Haddad and Di Pierro (2005), Porcaro (2009), Paulo Freire (2011), Piconez (2013) e Arroyo (2015) and on the contributions of the research that became a documentary "EJA Fora de Série" (2018) developed by Paulo Carrano. The results of this research show that Youth and Adult Education is a modality of education aimed at young and adult students who, for some reason, did not complete regular education in the time considered ideal, leaving school for the most part because they needed to work, some since they were children, to help fathers and mothers in support of family expenses are also subjects who face racism and sexism in their lives. We identified that over time, Youth and Adult Education has suffered many losses and neglect in Brazil. Regarding the teaching practice in Youth and Adult Education, we discussed andragogy as a way of teaching adults. But that only andragogy, only a methodology of teaching adults is not enough to develop a critical conscience. This is a difference from andragogy for education thought by Paulo Freire. Paulo Freire was an educator who defended an emancipatory education, one that freed people from oppression, that this education caused a social transformation, a critical education. Therefore, as a result, we realized that it is not enough to change the way, the way of teaching, but the content, it has to make the individual reflect on his place in society.

Keywords: Youth and Adult Education; Teaching; Andragogy; Paulo Freire.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A EJA: os principais marcos e sujeitos	15
1.1. A Educação de Jovens e Adultos no Brasil	15
1.2. O sujeito da EJA	22
2. Docência na EJA: concepções, desafios e lições para a prática	30
2.1. A andragogia	30
2.2. Como os alunos aprendem na EJA e os principais desafios docentes	34
2.3. As lições de Paulo Freire sobre ensinar de uma forma crítica na EJA	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
Referências	54

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil passou por várias etapas e ainda nos dias de hoje são encontrados inúmeros desafios.

É crescente a demanda por reflexões que tenham por objetivo discutir a EJA no sentido de melhorar a sua oferta, nas políticas educacionais e nas formas de manter os jovens e adultos na escola.

Considero importante compartilhar sobre como surgiu meu interesse em pesquisar o tema aqui apresentado. Apesar de sempre ter ouvido falar sobre a modalidade EJA, confesso nunca ter refletido antes sobre a realidade desses sujeitos, pessoas marcadas por desigualdades racial, gênero e classe social.

Os motivos que me fizeram interessar por essa pesquisa foi a comovente experiência vivida na disciplina de estágio em EJA, que cursamos na Licenciatura em Pedagogia Bilíngue no Instituto Federal de Goiás, em Aparecida de Goiânia, entre o mês de dezembro de 2020 e fevereiro de 2021.

Durante esse período de estágio, consegui identificar que a EJA é uma modalidade de educação direcionada àqueles alunos jovens e adultos que por algum motivo não completaram o ensino regular no tempo considerado certo. Abandonando a escola em sua grande maioria por motivos de trabalho, alguns desde crianças, para ajudar os pais e mães no sustento dos gastos familiares. Eles e elas tiveram que escolher entre trabalho e estudos.

E em determinadas situações nem puderam escolher, foram obrigados pela família, numa situação de pobreza, a trabalharem desde muito cedo, como se tivessem que decidir entre “comer e estudar”.

Essa experiência de estágio, também mostrou as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da escola. Desafios como a evasão escolar, falta de materiais didáticos específicos, falta de merenda, ausência de coordenação para EJA, os desafios serão tratados a partir da forma como os e as alunas aprendem.

Durante o estágio, nas entrevistas soubemos pelas diretoras das instituições escolares que não houve atendimento de EJA, primeira fase, no período de 2012 a 2016, em Aparecida de Goiânia. A informação que se tinha era de que não havia demanda para essa categoria naquela época, ainda que as próprias pessoas das

escolas afirmarem que havia sim demanda. Mas por conta da falta de informações do poder público a EJA (primeira fase) foi interrompida.

Tudo isso me levou em um primeiro momento a propor uma pesquisa sobre como se deu a oferta da Educação de Jovens e Adultos no Município de Aparecida de Goiânia nas duas últimas décadas. Mas dois motivos me fizeram refazer os objetivos da pesquisa.

Primeiro, em virtude do tempo (apenas 1 semestre) não seria possível levantar as documentações e informações junto a secretaria sobre a oferta. Segundo que ao estudar sobre a EJA, surgiu o interesse em uma reflexão mais teórica para aprender o que é a EJA, seus marcos, seus sujeitos e os desafios de ensinar na EJA.

Nesse sentido, o TCC tem por objetivo geral compreender o que é a EJA e os desafios para a docência nessa modalidade de educação. Os Objetivos específicos são: a) compreender o que é a EJA, os seus principais marcos e sujeitos; e b) refletir sobre a prática docente na EJA.

A importância de pesquisar sobre a EJA em um TCC no curso de Pedagogia Bilíngue é em primeiro lugar contribuir com uma modalidade de educação que é esquecida pelas políticas públicas e marcada pelas desigualdades sociais. Foi muito importante aprofundar meus conhecimentos através das leituras, estudos e pesquisas, pois durante todo o curso aprendemos muito sobre o ensino e aprendizagem de crianças e apenas em um estágio sobre os sujeitos da EJA e uma disciplina teórica de EJA. A prática docente será discutida a partir das contribuições de Paulo Freire.

Fazer a pesquisa nesse assunto foi muito importante para contribuir um pouco mais na minha formação como pedagoga que agora fica mais rica e completa.

Para alcançar os objetivos fizemos uma pesquisa qualitativa do tipo teórica-bibliográfica, pois trabalhei com as reflexões de alguns autores e autoras. Para o autor Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é um tipo de pesquisa que utiliza informações já existentes, como livros, textos, artigos e pesquisas científicas, consiste em buscar informações em materiais já publicados para embasar o estudo.

Como enfatiza Severino (2017) a pesquisa bibliográfica é realizada a partir de registros e publicações disponíveis. A pesquisa é qualitativa pois o objetivo não está em quantificar dados coletados, mas estudá-los para melhor entender (SALVADOR, 1986).

O estudo se apoiou teoricamente nos autores e autoras: Haddad e Di Pierro (2005), Porcaro (2009), Paulo Freire (2011), Piconez (2013) e contribuições da pesquisa que virou documentário EJA Fora de Série (2018) desenvolvida por Paulo Carrano.

Os resultados da pesquisa foram organizados em dois capítulos. No capítulo 1 abordamos o histórico e o sujeito da EJA. No segundo discutimos a prática educativa na EJA, com andragogia e Paulo Freire. O trabalho termina nas considerações finais.

É importante pontuar que aprendi com este trabalho de pesquisa que os sujeitos da EJA, são cidadãos de direitos, seres pensantes que possuem uma enorme carga de conhecimento que não pode ser ignorada pela escola. Que faz parte de nossa tarefa enquanto professores e professoras, estimular as potencialidades dos alunos e alunas e exercitá-la para que possamos construir uma escola acolhedora, mais familiarizada com a realidade das pessoas da EJA, para que elas não se sintam como estranhas, intrusas em seu interior, mas sim, parte dela.

1. A EJA: OS PRINCIPAIS MARCOS E SUJEITOS

A Educação de Jovens e Adultos segundo o artigo 37º da LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: “será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

A EJA é um direito para jovens e adultos que por alguma razão não tiveram acesso ou continuidade de estudar na sua infância ou na sua adolescência.

Para a LDB (1996):

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Para as pessoas jovens e pessoas adultas é direito também que seja assegurado estudo apropriado, de acordo com os interesses dos diferentes sujeitos que fazem parte da EJA e não utilizar uma metodologia infantilizada.

A lei 9394 de 1996 traz também que: “§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”.

Isso significa que a EJA deve aproximar a vida de trabalho dos alunos e das alunas da EJA com as trocas de experiências desses conhecimentos na sala de aula. A EJA deve dar oportunidade para eles melhorarem no trabalho.

É importante ressaltar que antes da LDB, tivemos um documento legal de grande importância para a educação, que é a Constituição de 1988, que trouxe avanços significativos para a EJA, pois a constituição garantiu a educação como um direito de todas as pessoas e estabeleceu princípios e diretrizes para isso acontecer. Com o direito de educação básica para todos, não abordamos mais a educação de crianças e jovens, mas também pessoas adultas.

Outro documento relevante de abordarmos em relação a EJA são os planos nacionais de Educação. Trata-se de conjunto de metas e estratégias para garantir o

desenvolvimento da educação no Brasil, os planos são elaborados pelo governo federal em conjunto com a sociedade civil. O objetivo é orientar as políticas educacionais para a melhoria da qualidade da educação, desde a educação infantil até o ensino superior. Além disso, um plano deve buscar a redução das desigualdades educacionais e a promoção do acesso, permanência e aprendizagem de todos os e as estudantes.

A pesquisadora Sandra Fernandes Leite (2014) explica que a ideia de criar um plano educacional para o Brasil surgiu em 1932 com o Manifesto dos Pioneiros da Educação. O manifesto tinha como propósito defender educação para todas as pessoas brasileiras. Se isso se concretizasse teríamos educação também para pessoas adultas. Desde então, todas as Constituições Brasileiras, exceto a de 1937, mencionaram a importância de um Plano Nacional de Educação. Mas somente em 1988, com a promulgação da Constituição Federal, a ideia e concretização de um Plano Nacional de Educação foi considerada como uma lei (LEITE, 2014).

Em 2001, tivemos o Plano Nacional de Educação, com duração de dez anos, que propôs a educação ao longo da vida, indo além da alfabetização. Esse plano estabeleceu metas para a Educação de Jovens e Adultos, buscando erradicar o analfabetismo e melhorar a qualidade da educação (LEITE, 2014).

Em 2014, o Novo Plano Nacional de Educação foi aprovado, com duração de dez anos também. Esse plano estabelece diretrizes e metas para a educação, como a erradicação do analfabetismo, a universalização do ensino, a superação das desigualdades educacionais e a valorização dos profissionais da educação. A Educação de Jovens e Adultos também é mencionada no plano, que buscou, em seu texto, garantir o acesso e a permanência dos adultos nos estudos, incluindo a alfabetização e a melhoria da qualidade da educação para essa modalidade (LEITE, 2014).

Um último documento que precisamos citar quando falamos da EJA são as Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos (2000). Elas foram instituídas com o objetivo de nortear práticas pedagógicas voltadas para a educação de jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos na idade apropriada.

Jamil Cury (2000) fez o parecer sobre a aprovação das Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos, em seu texto ele afirma que a EJA tem que ser pensada como um modelo pedagógico próprio.

As diretrizes buscam valorizar a experiência de vida dos estudantes, respeitar suas especificidades e promover uma educação contextualizada e significativa, além de possibilitar o desenvolvimento de saberes para o exercício da cidadania e inclusão no mercado de trabalho.

O documento aborda a Educação de Jovens e Adultos como uma educação específica mais abrangente do que simplesmente a alfabetização inicial. A EJA busca formar leitores, pessoas pensantes e críticas, considerando também as dimensões do trabalho e da cidadania. A equidade é um princípio importante na EJA, garantindo oportunidades proporcionais aos desfavorecidos no acesso e permanência na escola.

A educação é vista como uma chave indispensável para a cidadania na sociedade contemporânea, é ela que permite que jovens e adultos se desenvolvam plenamente e obtenham maior qualificação profissional. A EJA representa a promessa de desenvolvimento para pessoas de todas as idades, incluindo idosos, que também têm muito a ensinar para as novas gerações (BRASIL, 2000).

A educação permanente é ressaltada como uma função essencial da EJA, possibilitando a atualização contínua de conhecimentos ao longo da vida. A EJA é defendida como um caminho para a realização pessoal e individual também. A educação permanente é um apelo para a criação de uma sociedade educada para a igualdade, diversidade e solidariedade. A base legal da EJA é mencionada nas diretrizes, destacando sua importância como direito fundamental para a plena participação na sociedade (BRASIL, 2000).

Com as Diretrizes para a EJA (2000) há uma compreensão de que somente teremos educação de pessoas adultas com respeito, adesão e cobrança aos preceitos estabelecidos nas leis, bem como dos recursos necessários para sua concretização. A Educação de Jovens e Adultos é parte dos Direitos Humanos, do desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para além da dimensão legal, o objetivo deste capítulo é apresentar alguns marcos históricos dessa modalidade de educação a partir de Haddad e Di Pierro (2005) e quem faz parte da história da EJA, ou seja, os seus sujeitos, por meio do documentário “Fora de Série” (2018).

1.1. A Educação de Jovens e Adultos no Brasil

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil de acordo com Haddad e Di Pierro (2005) teve início desde o Período Colonial começando com os jesuítas que catequizavam as crianças indígenas e também os indígenas adultos, era uma educação católica e evangelizadora. Porém essa educação foi interrompida pelo Império de Portugal, quando expulsaram os jesuítas do Brasil em 1759.

Durante o Império pouco ou praticamente nada foi feito sobre a educação das pessoas adultas.

No campo dos direitos legais,

a primeira Constituição brasileira, de 1824, firmou, sob forte influência européia, a garantia de uma “instrução primária e gratuita para todos os cidadãos”, portanto também para os adultos. Pouco ou quase nada foi realizado neste sentido durante todo o período imperial, mas essa inspiração iluminista tornou-se semente e enraizou-se definitivamente na cultura jurídica, manifestando-se nas Constituições brasileiras posteriores. O direito que nasceu com a norma constitucional de 1824, estendendo a garantia de uma escolarização básica para todos, não passou da intenção legal. A implantação de uma escola de qualidade para todos avançou lentamente ao longo da nossa história. É verdade, também, que tem sido interpretada como direito apenas para as crianças (HADDAD E DI PIERRO, 2005, P. 88).

A interpretação de que a escola de qualidade é direito de todos não foi muito para a prática, deixando os adultos de lado e acharam, na época, que o direito a educação era apenas das crianças brancas, excluindo negros, indígenas, e grande parte das mulheres.

Nesse período só possuía cidadania uma pequena parte da população e os principais beneficiários eram as pessoas das elites. No final do Império sem planejamento, a população com idade superior a 5 anos era analfabeta em mais de 80%, e nessa época pouco foi realizado (HADDAD e DI PIERRO, 2005).

Durante a Primeira República do país tivemos outra constituição, a de 1891 foi a primeira Constituição Republicana na história do Brasil, e essa constituição introduziria uma série de mudanças, uma delas seria dar autonomia às províncias e municípios, e é o que chamamos de federalismo. Isso foi um problema pois:

À União reservou-se o papel de “animador” dessas atividades, assumindo uma presença maior no ensino secundário e superior. Mais uma vez garantiu-se a formação das elites em detrimento de uma educação para as amplas camadas sociais marginalizadas, quando novamente as decisões relativas à oferta de ensino elementar ficaram dependentes da fragilidade financeira das

Províncias e dos interesses das oligarquias regionais que as controlavam (HADDAD E DI PIERRO, 2005, p.87-88).

Outro problema é que nessa época os votos eram restritivos, pois os analfabetos não tinham o direito de votar, ou seja, o Brasil estava no retrocesso da educação (HADDAD E DI PIERRO, 2005).

A EJA não foi atendida novamente e o censo de 1920 mostrou que durante os 30 anos da República terminou com mais de 72% da população analfabeta (HADDAD E DI PIERRO, 2005).

No texto de "escolarização de jovens e adultos" (2005, p. 88) de Haddad e Di Pierro afirmam que: "Até esse período, a preocupação com a educação de jovens e adultos praticamente não se distinguia como fonte de um pensamento pedagógico ou de políticas educacionais específicas".

A partir do período Vargas vivemos um momento histórico em que o Estado se reafirma, se torna centralizador e isso vai fazer com que a educação seja centralizada no próprio Estado. Agora na constituição de 1934 há o fortalecimento da educação no Brasil, a partir daí começa a haver interesse por parte do governo federal no desenvolvimento da educação, por conta da industrialização no Brasil (HADDAD e DI PIERRO, 2005).

A EJA passou por diferentes processos históricos no Brasil, mas ainda pouco compromissos firmados na educação brasileira. Foi na Era Vargas que se criou, 1938, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), e é através dele que se torna possível saber como estaria a educação primária no Brasil. E através de seus estudos em 1942 instituiu-se o Fundo Nacional do Ensino Primário que logo indicou que 25% dos recursos iam para a EJA (HADDAD e PIERRO, 2005).

Nesse momento, campanhas nacionais para alfabetização de jovens e adultos em grande quantidade foram criadas, e como dizem os autores Maria Clara Di Pierro e Sérgio Haddad (2005) : "Ganhou corpo uma política nacional, com verbas vinculadas e atuação estratégica em todo o território nacional" (p.91).

Foi criado também o sistema "S", ou seja, esse sistema é composto por uma série de instituições e representa um conjunto de organizações e entidades voltadas para questões profissionais diversas, como o Serviço Social da Indústria (Sesi), Serviço Social do Comércio (Sesc), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e outros.

A sua criação aconteceu em 1942, durante a Era Vargas, quando o Brasil passava por uma reestruturação de sua mão de obra produtiva, quando avançava ainda mais o trabalho na indústria. Tinha o objetivo inicial de ajudar a capacitar a força de trabalho, de modo a melhorar o desempenho econômico do país, porém os trabalhadores receberam formação básica, mas o baixo nível de escolaridade dos cursistas dessas formações continuou a ser apontado como obstáculo à eficácia dos Programas (HADDAD e PIERRO, 2005).

Na década de 50 e até 64, tivemos o "Período das Luzes para a Educação", que se refere a um momento em que Paulo Freire estava no Brasil e começa a ganhar espaço com uma abordagem transformadora da educação, visando a emancipação e conscientização dos indivíduos (HADDAD e DI PIERRO, 2005). Paulo Freire trabalhou em campanhas de alfabetização, e tinha como objetivo principal combater o analfabetismo e a opressão, enfatizando a importância da leitura crítica do mundo.

Paulo Freire acreditava que a educação deveria ser uma prática libertadora, capaz de despertar a consciência dos alunos e torná-los agentes de mudança em suas próprias vidas e na sociedade.

Nesse período, ocorreram várias campanhas e programas relacionados à educação de adultos, o Movimento de Educação de Base, estabelecido em 1961 com o apoio do governo federal; o Movimento de Cultura Popular do Recife, iniciado em 1961; os Centros Populares de Cultura, órgãos culturais da UNE; a Campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler", promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Natal; o Movimento de Cultura Popular do Recife; e, por fim, em 1964, o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, que teve a participação do professor Paulo Freire, mas que infelizmente não foi concretizado, mas sim interrompido pela Ditadura Militar. Esses programas visavam democratizar oportunidades educacionais para adultos e representavam também uma luta política dos grupos envolvidos na disputa pelo poder do Estado e na busca por alcançar ideais através da prática educacional (HADDAD E DI PIERRO, 2005).

Especialmente no período que antecedeu o golpe militar, tivemos acontecimentos especiais para a EJA. Os educadores no ano de 1958, na cidade do Rio de Janeiro durante o acontecimento do II Congresso Nacional de Educação dos Adultos defendiam uma nova forma de ensinar jovens e adultos (HADDAD e DI PIERRO, 2005).

Percebia-se que os educadores das e dos jovens e adultos utilizavam da mesma metodologia da educação infantil para reproduzir seus ensinamentos, “Até então, o adulto não-escolarizado era percebido como um ser imaturo e ignorante, que deveria ser atualizado com os mesmos conteúdos formais da escola primária, percepção esta que reforçava o preconceito contra o analfabeto” (PAIVA, 1973, p. 209 apud HADDAD e DI PIERRO, 2005, p. 92).

Um tratamento para os sujeitos dessa modalidade como pessoas incapazes e sem conhecimentos, como se não houvesse em suas particularidades uma bagagem de conhecimentos, culturas e saberes, o que se oferecia era a mesma forma de alfabetização de crianças causando assim constrangimento e muito preconceito contra esses sujeitos (HADDAD e DI PIERRO, 2005).

Em Recife, no preparatório ao congresso do seminário regional com a presença do professor Paulo Freire, discutia-se:

[...] a indispensabilidade da consciência do processo de desenvolvimento por parte do povo e da emersão deste povo na vida pública nacional como interferente em todo o trabalho de elaboração, participação e decisão responsáveis em todos os momentos da vida pública; sugeriam os pernambucanos a revisão dos transplantes que agiram sobre o nosso sistema educativo, a organização de cursos que correspondessem à realidade existencial dos alunos, o desenvolvimento de um trabalho educativo “com” o homem e não “para” o homem, a criação de grupos de estudo e de ação dentro do espírito de auto-governo, o desenvolvimento de uma mentalidade nova no educador, que deveria passar a sentir-se participante no trabalho de soerguimento do país; propunham, finalmente, a renovação dos métodos e processos educativos, substituindo o discurso pela discussão e utilizando as modernas técnicas de educação de grupos com a ajuda de recursos audiovisuais (Paiva, 1973, p. 210 apud Haddad e Di Pierro, 2005, p.92).

Após estes congressos e a influência do Paulo Freire começava uma importante mudança na forma de pensar dos educadores em relação ao método tradicional de ensino, onde o professor unicamente tinha voz dentro da sala de aula, tornando possível uma forma de ensinar a partir do conhecimento e cultura de cada sujeito em sua particularidade (HADDAD e DI PIERRO, 2007).

Todavia todos esses avanços da época e as ideias de Paulo Freire foram interrompidas pela ditadura militar no Brasil, no golpe de 1964. O regime militar via as propostas de Freire como uma ameaça, pois promoviam a conscientização e a mobilização popular, o que poderia enfraquecer o controle do regime sobre a

população. Diante disso, Freire foi exilado e sua obra foi censurada no país durante esse período.

Na época, o Programa Nacional de Alfabetização foi interrompido também, acometendo a prisão de seus dirigentes e seus materiais apreendidos, e ainda a população foi reprimida e ameaçada, acabando com seus ideais, havendo censura na liberdade de expressão.

Os movimentos de alfabetização mudaram com a ditadura militar:

A atuação do Movimento de Educação de Base da CNBB foi sendo tolhida não só pelos órgãos de repressão, mas também pela própria hierarquia católica, transformando-se na década de 1970 muito mais em um instrumento de evangelização do que propriamente de educação popular. As lideranças estudantis e os professores universitários que estiveram presentes nas diversas práticas foram cassados nos seus direitos políticos ou tolhidos no exercício de suas funções (HADDAD E DI PIERRO, 2005, p. 95).

Durante o período militar, o Estado passou a ser autoritário, usando da força para garantir a “normalização” entre os sujeitos civis. Perpassou aí algumas organizações sociais, porém logo extintas como “A Cruzada de Ação Básica Cristã (ABC)”, seria de maneira assistencialista, mas para os interesses militares, devido às críticas acumulativas foi extinto o programa (HADDAD E DI PIERRO, 2005).

Ocorreu também nesse período, em 1967, a criação do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) que seria um novo método de alfabetização de adultos, porém esse método era uma alfabetização funcional, ler e escrever somente para que o sujeito pudesse se integrar na sociedade, logo a frente considerando que metade da população nessa época continuava analfabeta. O Mobral foi criticado pelo fato de querer alfabetizar em pouco tempo. E era um programa de alfabetização que não ensinava a pensar, mas apenas o básico para ler (HADDAD E DI PIERRO, 2005).

Com o fim da ditadura militar, na década de 1980, com o processo de abertura política, houve uma retomada e fortalecimento das iniciativas de alfabetização de adultos que haviam sido interrompidas durante o período do Golpe Militar (PORCARO, 2009).

De acordo com Porcaro (2009) essas iniciativas passaram a adotar uma abordagem mais crítica. O MOBRL, programa de alfabetização do governo, foi encerrado e substituído pela Fundação EDUCAR, que não mais executava os

projetos, mas fornecia apoio financeiro e técnico às iniciativas já existentes (PORCARO, 2009).

Em 1988, foi promulgada a nova Constituição, que ampliou a responsabilidade do Estado em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA), garantindo o direito à educação fundamental obrigatória e gratuita para todos (PORCARO, 2009).

Na década de 90, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394 de 1996 que garantia a oferta da EJA de forma pública para todas as pessoas que não puderam estudar no tempo considerado correto.

A lei 9394 de 1996 garantia também no artigo 37: “§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”.

Haddad e Di Pierro (2005) avaliam que nos anos 1990 mesmo com muitas mudanças legais a EJA não foi atendida com qualidade.

Porcaro (2009) analisou que os desafios da EJA não estavam vencidos nos anos 2000, pois o Brasil apresenta um número muito alto de pessoas analfabetas.

No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2019, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos).

Embora a educação seja um direito de todos, na prática esse direito não acontece, o número de analfabetos ainda existente no Brasil é um grande problema, por esse motivo a oferta da modalidade da EJA é muito importante para a redução do analfabetismo.

Ainda há desafios a serem enfrentados como a falta de acesso, a evasão escolar, a desvalorização da modalidade e, em se tratando do seu público, agora mais jovem há desafios diferenciados, como a necessidade de conciliar os estudos com outras responsabilidades. Estes são alguns dos obstáculos que precisam ser superados para garantir o pleno alcance dos benefícios da EJA¹.

Podemos analisar que um dos desafios atuais da EJA é a juvenilização. Filho, Cassol e Amorim (2021) analisam que a educação de jovens e adultos está sendo

¹ Para complementar a questão dos desafios. Na época do estágio, em EJA, percebemos que a oferta da EJA é muito pequena comparada à grande procura, apenas duas escolas ofereciam a primeira fase (anos iniciais do ensino fundamental) em Aparecida de Goiânia, número muito pequeno segundo o resultado da pesquisa acima.

mais procurada pelos jovens trabalhadores que estão em busca de melhorar o nível educacional para se qualificar no mercado de trabalho.

Devido a este motivo a EJA vem sofrendo uma juvenilização, onde vem tendo alterações no que se refere ao perfil da faixa etária que anteriormente era constituída por pessoas mais velhas, passando a atender agora alunos bem mais jovens. Por isso, a EJA tem passado a receber jovens que não frequentaram o ensino regular a partir de 15 anos, e isso acontece principalmente devido a desigualdade social e a falta de eficácia das políticas públicas que asseguram os direitos dos alunos para se manterem na escola regular (FILHO, CASSOL E AMORIM, 2021).

1.2. O sujeito da EJA

Os sujeitos da EJA são sujeitos que enfrentam diferentes desigualdades: racismo, machismo e pobreza.

O documentário Fora de Série foi produzido e lançado em 2018 e foi feito por uma pesquisa com estudantes da EJA de 13 escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada por Paulo Carrano professor da Faculdade de Educação e pós-graduação em educação da Universidade Federal Fluminense.

O documentário apresenta histórias de sujeitos que tiveram que parar de estudar por diferentes motivos.

Sobre as narrativas dos alunos que deixaram de estudar para trabalhar temos o José Gerardo:

Eu gosto de estudar. A vontade de minha mãe, principalmente ela sempre falou que queria ver os filhos com estudo e a motivação de sempre escutar o não, você não consegue! você é fraco, é complicado já chorei algumas vezes. É bem doloroso ouvir: você não consegue! você é fraco! você é o servente! é dolorido realmente, mas é aquela coisa: tem males que vem para o bem. E eu espero que um dia eu possa dizer: eu consegui! (DOCUMENTÁRIO FORA DE SÉRIE, 2018, s/p).

Clarice Sousa também fala quando teve que parar de estudar para ajudar no trabalho da família:

Teve um dia, eu me lembro que eu botei a minha mochila preta, a minha mãe fez uma roupa linda pra mim, a minha mãe costura. Ela tinha feito um shortinho, uma blusinha... Eu botei a roupa, peguei a minha mochila que era preta com pink e botei nas costas. Quando eu

boto o pezinho fora da porta meu padrasto vem: "tu vais pra onde": eu falei: "papai vou pro colégio, eu vou pra escola". Ele falou: pode tirar a bolsinha das costas, pode tirar a mochila e ir trabalhar. Lá vou eu tirei o meu material, fui guardar lá dentro, revoltada, desesperada, com vontade de chorar, mas não podia chorar porque ele brigava, brigava mesmo. Tirei minha mochila, guardei, peguei um facão grande e fui talhar cana pra da pro gado comer, que era pra gente ter o leite da fazenda para vender. Era assim, eu nunca esqueci aquela cena, eu tinha doze anos de idade (DOCUMENTÁRIO FORA DE SÉRIE, 2018, s/p).

A história de Thiago Andrade, participante da pesquisa e documentário, é de filho e mãe alunos da EJA. Mas que não conseguiam frequentar por não ter nem mesmo o dinheiro da passagem do ônibus para chegarem na escola:

A gente estava vindo tirando dinheiro do nosso bolso, ou quando ela [a mãe] não tinha dinheiro eu vinha a pé com ela, ela também vinha comigo e assim ia uma mão lavando a outra. Aí ela falou ah não dá... eu já estou com idade, não tem como eu ficar indo para escola a pé e tal, aí eu falei então faz o seguinte: tu usa o meu cartão e eu vinha a pé, aí ela veio até um certo período, mas depois ela falou ah você chega em casa muito cansado, porque você também trabalha pega de manhã... eu falei "Ah depois eu estudo, quando for mais pra frente eu estudo", falei agora eu quero pensar em trabalho, eu quero pensar em ter dinheiro. Porque eu falei assim futuramente eu quero ter minha casa (DOCUMENTÁRIO FORA DE SÉRIE, 2018, s/p).

O pesquisador Arroyo (2015) refletiu sobre pobreza, trabalho infantil e educação. O autor destaca que o trabalho infantil é um problema complexo, com múltiplas causas e obstáculos culturais. Ele ressalta a importância de pesquisar e discutir essa realidade nos currículos escolares, a fim de aproximar a relação entre pobreza, trabalho infantil e conhecimentos adquiridos pelos estudantes.

Refletindo sobre a abordagem de Arroyo (2015) e os sujeitos Gerardo, Clarice e Thiago, penso que esses alunos são pessoas que na verdade tiveram seus direitos arrancados, muitas dessas pessoas tiveram suas infâncias e adolescências marcadas pela pobreza. O trabalho infantil, conforme explica Arroyo (2015) tem diversas causas, desigualdades sociais, ausência de políticas públicas para proteger as crianças e adolescentes, falta de acesso a educação de qualidade, exploração econômica numa sociedade muito injusta.

Há até mesmo pessoas que digam que: "melhor a criança no trabalho do que nas ruas", pensamento as vezes da própria famílias, dos próprios pais, porque eles não tem o conhecimento e a informação de que as crianças tem direitos, de que as

crianças deveriam ter o direito garantido a Educação, eles vem como refúgio o trabalho infantil, eles acham que isso é uma proteção para essas crianças, pois pensam se não forem para o trabalho vão “virar marginal”. O patrono da Educação, Paulo Freire (2011) escreve que a educação não é neutra e neste caso o que vemos é o poder público se colocando como “neutro” ao invés de garantir e participar da educação das crianças que é dever do Estado e não somente das famílias.

Evidencia-se no documentário, estudantes que se sentem culpados pelo abandono dos estudos. Estudantes que não conseguem, ainda, perceber, a grande desigualdade da sociedade brasileira que os empurraram, ainda crianças e adolescentes, para fora da escola.

Por isso é muito importante conscientizar as alunas e os alunos da EJA de que essa modalidade é um direito que eles têm como uma segunda oportunidade, ou até mesmo a primeira, e não um favor que precisa ser implorado. Uma oportunidade depois de terem sido jogados no trabalho infantil sem saída.

O documentário trouxe também histórias de estudantes que enfrentam racismo. A seguir a fala da aluna Tamiris da Silva:

O meu ensino fundamental, e... teve muito preconceito com a minha cor, eu até chorei, porque alguns alunos me chamavam de um apelido horrível, que eu não gostava... de macaca. Era um apelido horrível, era um preconceito que só Deus! Aí eu chorava, entendeu? Aí minha mãe falava não liga não, é assim mesmo. Mas tinha um preconceito por causa da minha cor, entendeu? A professora falava que isso não é o caso, mas eu tive muito preconceito, eu sofri muito na escola, no fundamental. Até quando era criança eu sofri muito por causa da minha cor, entendeu? pra tu ver que eu já briguei, já bati na menina já, praticamente eu quebrei a cara da menina, peguei a cabeça dela e bati no bebedouro! Mas eu era uma pessoa muito bagunceira também, era a revolta dentro de mim, tinha uma revolta horrorosa dentro de mim, uma revolta. Aí eu fiquei dois anos sem ir pra escola, mas depois que eu saí da escola, eu conheci uma campanha chamada Bullying, bullying né? Aí eu comecei a ver assim: poxa bacana! caramba devem ter muitas pessoas que sofrem com isso né? Às vezes a pessoa se sente como eu me senti, aí eu descobri, aí comecei a ajudar essas pessoas na campanha fora, não dentro da escola não. Comecei a ajudar e fui tirando isso de dentro de mim, entendeu? É uma campanha muito boa (DOCUMENTÁRIO, 2018, s/p).

O aluno Alexandre Nascimento Guimarães relata sua experiência, explicando como é sentir e sofrer na pele o preconceito racial. Ele diz:

Você vê um morador de comunidade, você vê é negro, é bandido, você vê tem todo o jeito da cultura local, pronto ele é tratado como um marginal. Dentro da comunidade você sabe quem é quem, mas você sai pronto, você é marginalizado, a partir do momento que você mora na comunidade e que você é negro, já é o suficiente pra você ser discriminado. Até mesmo dentro da própria comunidade. Fora dela então... [...] São muitas coisas atribuídas de forma ruim ao negro, como se a cor da minha pele fosse uma doença. Como se fosse algo, tipo pra mim na época não entendia, não sabia o que estava acontecendo de fato, a primeira vez que você tem esse contato com o preconceito, que você é tratado dessa forma, não sabe muito bem como reagir, como lidar com a situação (DOCUMENTÁRIO FORA DE SÉRIE, 2018, s/p).

Alexandre explica que foi agredido na escola, quando era criança:

[...] eu já fui agredido na escola por uma professora, não me recordo o nome, lembro sim eu acho que nunca vou esquecer isso, você ser agredido falando “sai daí neguinho!” e ela te tacar um apagador... se eu fosse branco ela faria isso? Ela diria “ô sai daí neguinho”? Tem esse enfrentamento.[...] eu não sabia, a palavra “racismo”, “preconceito”, `fui entender bem mais pra frente, como falei, não tinha essa informação, era só algo diferente, algo novo, algo que nunca tinha acontecido, então leva um certo tempo pra você saber o que é o racismo, o preconceito. Essa noção de diferença, você já vê logo do começo, mas o porquê você só vai entender com o tempo, você trata a pessoa bem, indiferente de qualquer coisa e a pessoa te trata mal, está sempre desfazendo de você, querendo te excluir, fazendo piadinhas pra te afastar, pra te humilhar perante as outras pessoas e você não consegue entender o porquê. Aí de repente: “pô cara é porque eu sou preto, ele está falando isso porque eu sou negro, cara”. Mas aí já foi, já passou, surgem novas situações, você começa a observar coisas em volta e você vai aprendendo a lidar com a situação ou ser indiferente a ela (DOCUMENTÁRIO FORA DE SÉRIE, 2018, s/p).

Fazer uma reflexão sobre a cor da maioria das pessoas mais pobres do Brasil requer uma análise cuidadosa. Pensando nos relatos dos alunos: Alexandre e a Thamyras que sofreram racismo na escola e também fazendo a leitura do texto da doutora Nilma Lino Gomes (2005) pude compreender sobre o caminho difícil e injusto que as pessoas negras enfrentam ao longo de suas vidas, não somente dentro da sociedade, mas também dentro das escolas.

De acordo com Gomes (2005), é importante incluir na formação docente o que realmente é o racismo, na intenção de mudar essa triste e difícil realidade, melhor preparando-os para enfrentar e combater o preconceito.

A inclusão do tema racismo na formação docente é de extrema importância para promover mudanças significativas na luta contra o preconceito e a discriminação racial. A formação docente que aborda o racismo proporciona uma visão crítica sobre as desigualdades sociais existentes, isso ajuda os educadores e as educadoras a se tornarem agentes de mudança, trabalhando para que seus alunos e alunas tenham igualdade de oportunidades.

Os e as educadoras mais bem preparadas têm condições de identificar visões preconceituosas neles e nelas mesmos, também entre os alunos e intervir de forma adequada para promover a diversidade, o respeito e a não violência na sala de aula, buscando a resolução dos conflitos e evitando danos emocionais e à autoestima de alunos e alunas negras, como aconteceu com Alexandre e Tamiris.

No relato do aluno Alexandre, ele sofreu racismo e humilhação dentro da sala de aula e na presença de todos os colegas por sua própria professora que jogou o apagador contra ele e o chamou de “neguinho”, por causa da cor de sua pele. A autora Gomes (2005) analisa que os próprios professores e professoras, por falta de preparo para enfrentar e combater o racismo, podem propagá-lo em sala de aula.

Os alunos da EJA fazem um esforço enorme para estarem dentro das salas de aula, além de enfrentarem a pobreza e todas as dificuldades do cotidiano, ter que enfrentar o preconceito por parte dos colegas e até mesmo do educador é uma crueldade, para uma pessoa que já chega ali cheio de marcas e desigualdades. É importante reforçar que esses alunos não param de estudar por vontade própria e sim por situações que lhes são impostas (ARROYO, 2015).

Outra história bastante comovente no documentário (2018) é o relato da aluna Maria Nunes que sofreu violência e machismo. O entrevistador pesquisador Carrano faz a pergunta: “você lembra quando acordou e disse: hoje eu não vou pra escola? Como foi?”:

Lembro, foi um dia que eu estava muito cansada, que antes... assim eu já trabalhava, eu tinha feito hora extra pra pagar o aluguel nesse dia, porque o aluguel já estava vencido e aí eu falei hoje eu vou fazer hora extra e não vou pra escola, então com esse negócio de ir fazendo hora extra eu parei de vez e aumentei a minha carga horária no trabalho. Então pra pensar assim, botar na balança eu botei o meu trabalho porque no momento eu estava precisando de dinheiro e a escola não ia me ajudar muito, ia no futuro, mas não no momento entendeu? e eu estava precisando no momento de um trabalho DOCUMENTÁRIO FORA DE SÉRIE, 2018, s/p).

Ela se sustentava aos 14 anos trabalhando porque o pai colocou ela para fora de casa por ter começado a namorar:

Quando meu pai descobriu que eu estava namorando escondido, eu tinha 14 anos ali ele me expulsou de casa, me colocou pra fora e aí essa foto aqui eu lembro muito bem, porque no dia que ele me expulsou eu estava dormindo em casa, então ele me puxou da cama e falou que eu estava namorando escondido e que era pra eu ir embora. E eu peguei e falei calma pai, que isso? e ele você quer namorar? Agora você vai embora, aí pegou minhas coisas e jogou no chão, abriu a porta e me jogou ali, me expulsou para fora de casa. E eu fiquei gritando assim: mãe você vai deixar meu pai fazer isso? como sempre ela sempre fazia o que ele mandava, ela deixou e disse que eu ia pra casa da minha tia que mora em Jacarepaguá e aí eu chorei, falei que eu não queria ir, que ela não podia fazer isso comigo e ela falou que não podia fazer nada, que eu tinha que ir (DOCUMENTÁRIO FORA DE SÉRIE, 2018, s/p).

Tempo depois, a mãe a chamou para voltar para casa quando separou do pai:

Aí eu fiquei morando com ela, então eu trabalhava e ajudava dentro de casa e ela trabalhava e botava as coisas dentro de casa, aí ela voltou pro meu pai, aí voltou tudo ao normal, eu ficava brigando com meu pai, porque quando eu saía do trabalho eu ia pra casa e depois ia namorar, aí meu pai ficava irritado e falava que eu não mando em mim, que eu não ia sair não. E nesse dia ele me levou pro quarto, pegou o cinto e me bateu muito, então como ele me bateu bastante nesse dia, bateu muito, muito ficou umas marcas de sangue no guarda-roupa. E aí eu vi que a única forma de eu sair de casa era engravidando, a única forma que era de me livrar daquilo ali era tendo um filho, porque se eu tivesse um filho, tivesse grávida meu pai ia me colocar pra fora e não ia me obrigar a ficar dentro de casa de novo DOCUMENTÁRIO FORA DE SÉRIE, 2018, s/p).

Depois de engravidar aos 14 anos, passou a sofrer violência do companheiro, pai do seu filho: “a gente alugou um quartinho. Ele era muito violento também, ele me batia muito e aí eu liguei pra minha mãe, falei: mãe, posso voltar pra casa?”. A situação só melhorou com os anos, quando ela se casou de novo e contou com a ajuda do parceiro para poder estudar e trabalhar.

A realidade do machismo é severa. As autoras Eiterer, Dias e Coura (2014) publicaram o artigo “Aspectos da escolarização de mulheres na EJA” e ele nos ajuda a entender com maior clareza a realidade do machismo e como ele interfere na educação das mulheres, assim como interferiu na vida da Maria Nunes.

Na maioria da vezes elas são vistas e até manipuladas por suas próprias famílias como em um processo de alienação, tendo múltiplas responsabilidades, processo esse que envolve ser mãe, cuidar da casa, trabalhar fora, cuidar dos filhos, de outros membros da família como de pais idosos e essas obrigações podem limitar o tempo e a energia disponíveis para essas mulheres se dedicarem aos estudos, tornando mais desafiador conciliar a vida doméstica com a escola.

Maria Nunes, teve que passar por violência primeiro na casa dos pais, pelo pai, depois pelo primeiro companheiro e pai do filho dela e só no terceiro lar que ela construiu, em que ela foi apoiada por esse novo companheiro que conseguiu estudar. Sem apoio é muito difícil uma mulher ficar na escola. Como na história da Rosângela, Leia e da Joana:

Ah, o marido não achou muita graça não, sabe? Não sei porque, mas, não gostou muito não, mas eu falei: “ah não”, me proibir de estudar? Trabalhar, ninguém proíbe, né? Por que é uma coisa pro meu bem, né? Não é uma coisa assim... Que não tem necessidade! Tem necessidade! Não achou muito bom não... (Rosângela, 33 anos).

Meu marido não gostou nem um pouco, ele não criticava não, mas ele não gostou. Não gostou porque ficou falando quem que ia ficar com os meninos, que os meninos ficavam o dia inteiro sem eu, porque eu ficava o dia todo fora e os meninos o dia todo fora, e que só via eles de manhã porque às vezes de noite eles já estavam dormindo. (Léia, 38 anos).

Quando eu falei assim: ô vou estudar. O marido nossa, ficou nervoso e me xingou. Porque eles pensaram no seguinte, pensaram na janta e na casa arrumada. Eles [filhos] não gostaram que eu voltei pra escola não, [...] e eu falei vocês gostando ou não eu vou continuar estudando. (Joana, 38 anos) (EITERER, DIAS e COURA, 2014, p.170).

Infelizmente, as mulheres enfrentam muita dificuldade para estudar, não é só pobreza, elas estão sujeitas a assédio e violência de gênero dentro e fora da família. E segundo as pesquisadoras as mulheres são responsáveis pelo trabalho remunerado e ao mesmo tempo, o não remunerado, aquele que elas fazem dentro de casa e ainda é desvalorizado, porque apesar delas fazerem todo o trabalho doméstico ainda podem escutar que são preguiçosas, por seus companheiros (EITERER, DIAS e COURA, 2014).

Ao ouvir estes relatos de discriminação das pessoas que fazem parte da EJA fiquei pensando na minha própria experiência de vida, a partir do preconceito com a deficiência auditiva.

Eu tenho deficiência auditiva moderada para severa e sempre sofri muito por ser excluída e rejeitada pelas pessoas, não por todas, mas por grande parte delas, minha maior dificuldade enfrentada sempre foi no ambiente de trabalho, pelos próprios colegas. Conheço bem de perto essa realidade segregatória, as pessoas nos tratam como coitadas, e não são muito de acreditar que somos capazes, apesar de sempre dizerem que não nos consideram deficientes.

Elas nos tratam diferentes e sempre colocam aquele serviço que são considerados mais fáceis para nós fazermos, como se a pessoa com deficiência auditiva não fosse tão capaz quanto uma pessoa que não tem deficiência.

Me lembro de uma vez que fiquei muito chateada com uma ex-colega de trabalho, ela sempre desfazia de mim, sempre dizia que eu não era capaz, me olhava e me tratava com total desprezo, muitas vezes se esforçava para fazer os demais colegas me verem e me tratarem da mesma forma como ela fazia.

Um dia eu saí para o horário de lanche e quando voltei a coordenadora do departamento estava comentando sobre algo que eu não entendi, logo depois ela foi embora, então eu perguntei para meus colegas se ela estava passando algum recado importante que eu também precisava saber?

E essa mesma colega que não me aceitava disse: “eu odeio pessoas fingidas...”, acredito que ela quis dizer que eu ouvi e estava fingindo que não havia entendido. Naquele momento fui tomada por uma mistura de sentimentos como raiva, injustiça e tristeza.

Mas não fiquei calada e disse a ela que se ela não comesse a me respeitar eu iria procurar a diretora da instituição para reclamar sobre a forma como ela se referiu a mim e só assim ela parou de me perseguir. Creio que ela fez uma reflexão sobre o próprio comportamento.

Novamente sofri no último departamento que trabalhei nessa mesma instituição, para trabalhar neste departamento participei de um processo seletivo através de uma prova onde só havia uma vaga e eu passei, no início fui bem recebida e tudo, mas ao longo dos dias eu percebia o distanciamento das pessoas pelo motivo de eu ter a perda auditiva.

As pessoas não gostam de explicar mais de uma vez a mesma coisa, não compreendem a dificuldade que a pessoa com perda auditiva tem de ouvir, mas não entendem o que foi dito.

Infelizmente a pessoa com deficiência auditiva que sofre preconceito e discriminação é visto como defeituosa, fraca em desvantagem em relação aos demais ouvintes. Os alunos e alunas da EJA que fizeram parte do documentário “Fora de Série” relatam discriminações parecidas, como a do José Gerardo que escutava que ele “é fraco, que não consegue, que é o servente”. Além do preconceito sofrido por Thamires, Alexandre e Maria Nunes.

Podemos concluir que os sujeitos da EJA são pessoas que a sociedade não vê potencial, como muitas vezes eu me via transparente, invisível nos lugares, por ter deficiência auditiva.

Essa visão precisa de mudanças dentro das escolas, os sujeitos da EJA precisam ser respeitados, porque são pessoas em sua maioria com bagagem de vida marcadas por diversas dificuldades e discriminações, por isso é muito importante serem bem acolhidas, aceitas e incluídas para que a modalidade cresça e não diminua.

2. DOCÊNCIA NA EJA: CONCEPÇÕES, DESAFIOS E LIÇÕES PARA A PRÁTICA

O objetivo do segundo capítulo é analisar a docência na EJA e os principais desafios vividos por professoras e professores. Queremos responder às seguintes perguntas de pesquisa: como se ensina pessoas adultas? Como os alunos aprendem na EJA e os principais desafios? Quais as contribuições de Paulo Freire para a docência na EJA?

Para atingir este objetivo vamos discutir os desafios da docência na EJA ao longo de todo o capítulo, primeiro a partir da reflexão sobre o que é andragogia com as autoras Martins (2013), Vogt e Alves (2005), em seguida a respeito das contribuições de Paulo Freire (2011) para uma docência crítica e por último sobre como aprendem os alunos da EJA com Piconez (2013).

2.1. A andragogia

Na década de 1970, Malcolm Knowles, conceituou a andragogia como a arte ou ciência de orientar adultos a aprender. De origem grega, a palavra “andragogia” tem como significado: andros-adulto e gogos-educar (MARTINS, 2013).

O termo não é originalmente do Knowles, mas sim do professor alemão Alexander Kapp, que usou em 1833, mas caiu em desuso pouco tempo depois. A partir de 1921 reapareceu em um relatório alemão, do autor Rosenstock que sinalizava que a educação de pessoas adultas requer professores, métodos e filosofias próprias. A partir da década de 1960 o termo começou a ser muito utilizado na França, Holanda e Iugoslávia para tratar da instrução de adultos ou ciência da educação de pessoas adultas (VOGT e ALVES, 2005).

A andragogia:

[...] enquanto teoria ou sistema de idéias, de conceitos e de aproximações com a aprendizagem do adulto, foi introduzida e muito difundida nos Estados Unidos por Malcolm Knowles, ao longo da segunda metade do século passado. Indiscutivelmente, seus postulados consistem em uma importante referência que se tem sobre o assunto de tal forma que, para muitos, o termo andragogia e o nome Knowles tornaram-se intrinsecamente ligados (VOGT e ALVES, 2005, p. 207).

É de grande importância que os estudos na EJA sejam centrados nos interesses dos diferentes jovens e adultos, valorizando a sua bagagem de vida e não apenas nos interesses dos professores e professoras.

Martins (2013) defende que o aluno da EJA precisa ser resgatado e motivado na escola. Para ela é preciso devolver a esses indivíduos o direito do estudo, que segundo a constituição é um direito para todos. Neste sentido, trabalhar com esses adultos exige uma metodologia adequada. A partir dos conceitos da andragogia é de extrema importância trabalhar pensando e valorizando as trajetórias das pessoas adultas. O professor precisa ser um profissional facilitador das atividades pedagógicas, um incentivador e motivador da aprendizagem dos alunos.

O educador de EJA deve pensar que é o mediador e provocador de novos conhecimentos e saberes que serão repartidos e divididos entre ele e os educandos e vice-versa, respeitando, assim, o educando como ser humano que pensa e constrói conhecimento também (PICONEZ, 2006).

E não é simples sair do ensino tradicional, do ensino que os professores e professoras estão mais acostumados na escola com crianças para atuar na EJA:

[...] para migrar do **ensino** clássico ao **atual** enfoque, proposto à educação **do adulto**, **exige-se** que, **antes** de tudo, **o professor** esteja envolvido **nesta** migração e bem preparado **para** desenvolver tal missão. Neste modelo de **educação**, **o professor** precisa **assumir a postura** de facilitador, de estimulador **do** grupo (VOGT e ALVES, 2005, p. 204).

Em concordância com a autora Martins (2013), pensamos que o modelo de educação baseado nos conceitos da andragogia ainda não é de amplo conhecimento de todos, muitos dos professores que trabalham com alunos adultos não tem o conhecimento deste modelo de educação e desconhece a importância de buscar compreender que o indivíduo adulto dentro da escola é romper padrões sociais, políticos e econômicos.

Em contraposição à Pedagogia (do grego paidós, criança), que se refere à educação de crianças, a Andragogia é a arte de ensinar adultos, sendo um modelo de educação que busca compreender o adulto dentro da escola, rompendo com aqueles padrões apresentados pela Pedagogia.

A Andragogia corresponde à ciência que estuda as melhores práticas para orientar adultos a aprender.

Diferente de uma metodologia pedagógica direcionada para ensino de crianças que iniciam suas atividades escolares na idade correta, a Andragogia é a prática que precisa considerar os diferentes jovens e adultos dentro da sala de aula, é preciso que os educadores dessa modalidade se envolva verdadeiramente buscando conhecer os desafios, os conhecimentos, os medos e interesses que cada um desses diferentes alunos trazem consigo e a partir de um conhecimento coletivo construir essa prática de ensino.

Rompendo com o ensino tradicional onde somente o professor compartilha o conhecimento para a sala de aula, considerando o interesse e as necessidades que a aprendizagem satisfará na vida de cada sujeito da EJA.

A Andragogia baseia-se nos seguintes princípios:

- 1.Necessidade de saber: adultos carecem saber por que precisam aprender algo e qual o ganho que terão no processo.
- 2.Autoconceito do aprendiz: adultos são responsáveis por suas decisões e por suas vidas, portanto querem ser vistos e tratados, pelos outros, como capazes de se autodirigir.

3. Papel das experiências: para o adulto, suas experiências são a base de seu aprendizado. As técnicas que aproveitam essa amplitude de diferenças individuais serão mais eficazes.

4. Prontidão para aprender: o adulto fica disposto a aprender quando a ocasião exige algum tipo de aprendizagem relacionado a situações reais de seu dia a dia.

5. Orientação para aprendizagem: o adulto aprende melhor quando os conceitos apresentados estão contextualizados para alguma aplicação e utilidade.

6. Motivação: adultos são mais motivados a aprender por valores intrínsecos: autoestima, qualidade de vida, desenvolvimento (MARTINS, 2013, p. 145 - 146).

Sobre o primeiro princípio, sabemos e já debatemos muito sobre a importância de vermos o indivíduo da EJA como alguém que sabe ler o mundo. Este aluno e aluna da EJA tem que se reconhecer dentro da sociedade, saber seus direitos e deveres, por exemplo. A partir dos relatos de estudantes da EJA (BRASIL, 2006) alguns queriam estudar para aprender a ler um manual em seu trabalho, sem saber ler é uma oportunidade perdida, outras experiências são de pessoas que gostariam de ter a independência de saber que aquele ônibus era o que precisava pegar e não depender de outras pessoas para isso. De acordo com a necessidade e experiência de cada um os e as alunas do EJA sabem o que é importante aprender e isso deveria ser valorizado no conteúdo das aulas.

As autoras Vogt e Alves (2005, p. 204) complementam que:

A condição do saber emancipatório é, justamente, o que leva os adultos a buscarem a educação nesta fase da vida. Muitas vezes, eles almejam se preparar para empregos melhores, para ascensão profissional, para o cumprimento ou complementação da educação escolar e, até mesmo, pelo desejo de auto-aperfeiçoamento no sentido de dar mais qualidade à sua vida.

Eles não vão para o EJA obrigados como as crianças, por isso precisam saber se o que estão aprendendo vai ajudar a conquistar essa maior qualidade de vida e independência.

Sobre o segundo e o terceiro princípio da andragogia, o adulto não é uma criança, é alguém que tem bagagem de conhecimento².

² A título de complementação, por meio de minha experiência de vida, compartilho que já trabalhei em uma indústria de produtos naturais, quinze anos atrás, com um senhor que admirava muito. Não somente eu o admirava, mas muitos dos colegas, porque mesmo sem ter tido a oportunidade de estudar, era uma pessoa muito sábia, rica de conhecimentos e muitas vezes quando conversávamos em grupos com os demais colegas de trabalho, em determinados assuntos

A respeito do quarto e quinto princípio, as autoras Vogt e Alves (2005, p. 203) afirmam que “o adulto pode adquirir conhecimentos em seu ambiente societário, através das experiências diárias vivenciadas” por isso, aquilo que desperta o adulto para aprender são vivências do dia a dia, as experiências do trabalho e da família são combustíveis para o estudo. Dar a oportunidade para a pessoa viver a prática, não ficar só na escrita, na teoria, romper as quatro paredes de uma sala de aula.

Por último, acerca do sexto princípio, acreditamos que pessoas adultas que não sabem ler e escrever se veem muito como invisíveis, eu mesma já me vi invisível durante muito tempo por conta da surdez, então na EJA é importante trabalhar a autoestima, pois os e as alunas buscam a EJA para se desenvolverem, para se incluírem na sociedade, um meio que os alunos e alunas têm de se inserirem, quebrar essa exclusão que existe.

É importante destacar que existe uma diferença entre andragogia e pedagogia libertadora de Paulo Freire. As autoras Vogt e Alves (2005, p. 203) refletem a partir de Galvão (2004) e concluem que:

[...] a educação de adultos não se constitui em si mesma em um instrumento de transformação social, uma vez que seu significado e sua intencionalidade dependem do marco ideológico-político-filosófico no qual se assenta a proposta pedagógica.

Entendemos assim, que só a andragogia, só uma metodologia de ensinar pessoas adultas não basta para desenvolver uma consciência crítica. Essa é uma diferença da andragogia para a educação pensada por Paulo Freire. O educador Paulo Freire defendia uma educação libertadora, que libertasse as pessoas da opressão, que essa educação causasse uma transformação social, uma educação crítica. Por isso não basta mudar a metodologia de ensino, a forma de ensinar, mas o conteúdo, ele tem que fazer com que o indivíduo faça uma reflexão sobre o seu lugar na sociedade, sobre sua história de vida e principalmente sua cidadania e seus direitos. Não entendendo isso, a educação que é direito, o aprender a ler, ou mesmo estudar, é visto como um sonho, assim como a mãe do aluno José Gerardo do documentário “Fora de série” (2018), ele relata que a mãe tinha um sonho de ver

compartilhados ele se destacava por participar e saber falar, opinar. Enquanto outros colegas jovens, mesmo estando matriculados atualmente nas escolas, não tinham conhecimentos como ele. A história dele é como muitas retratadas no documentário “Fora de Série” (2018). As pessoas da EJA têm conhecimento e querem ser vistas como capazes, não podemos ignorar os saberes que cada indivíduo traz consigo.

todos os seus filhos formados, não deveria ser um sonho e sim ter o direito de garantir os filhos dentro das escolas.

Para terminar este tópico, apesar de muito conhecida a andragogia tem sido alvo de algumas críticas, pois está muito focada somente no desenvolvimento individual da aprendizagem e deixa o coletivo, da educação, em segundo plano (VOGT e ALVES, 2005). No caso da pedagogia freireana isso não acontece, Paulo Freire tem uma preocupação constante com o coletivo, com a classe social e com as pessoas oprimidas que foram privadas de estudar.

2.2. As lições de Paulo Freire sobre ensinar de uma forma crítica na EJA

Paulo Freire (1921-1997) foi um educador e filósofo brasileiro, nascido em Recife, no estado de Pernambuco. Formado em direito, dedicou a sua vida ao estudo da pedagogia, da Educação, da educação de adultos. Uma das obras mais conhecidas de Paulo Freire é o livro "Pedagogia do Oprimido". Nessa obra, ele apresenta uma crítica à educação tradicional, entendida por ele como uma ferramenta de opressão. Freire defende uma abordagem pedagógica centrada no diálogo e na conscientização dos alunos, ele queria uma libertação da opressão.

Paulo Freire é muito conhecido por seu trabalho na área da educação popular, na Educação de Jovens e Adultos e foi um dos mais influentes teóricos da pedagogia crítica, que busca promover a conscientização e a transformação social de todos e todas por meio da educação.

Por conta do seu trabalho na educação e do seu compromisso político e social foi exilado do Brasil durante a ditadura militar e viveu em vários países, trabalhando como professor e consultor em educação, ajudando na alfabetização de adultos também fora do Brasil.

Freire influenciou movimentos de luta pela educação crítica em todo o mundo e recebeu diversos prêmios, honrarias e homenagens por seu brilhante trabalho. Seus livros continuam a ser estudados por educadoras, educadores, docentes e filósofos e filósofas da educação em todo o mundo.

Uma obra importante para entender o papel do educador e da educadora na prática educativa é Pedagogia da Autonomia. Neste livro, Freire apresenta lições que todos e todas da educação deveríamos aprender para uma prática crítica.

Nesse livro, Paulo Freire (2011) discute a importância do conhecimento e do papel do sujeito que tem acesso ao conhecimento na história e na transformação da realidade. Ele afirma que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível, e isso significa compreender que o futuro não é determinado, mas sim uma possibilidade a ser construída. Todos nós, homens e mulheres, somos sujeitos da história das nossas vidas e da cultura, temos o papel de intervir na realidade, em vez de apenas aceitar essa realidade sem mudar nada, se conformar.

Todo educador precisa fazer perguntas sobre o sentido do estudo, em favor de quem e contra quem (FREIRE, 2011). Para a EJA isso é ainda mais importante, segundo Freire (2011) é preciso resistir à opressão e à injustiça, evoluir para uma posição mais crítica capaz de mudar o mundo e tornar possível uma vida mais justa e humana para todas as educandas e educandos. Segundo o educador:

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho — a de ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor — de que ensinar não é transferir conhecimento — não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser — ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica —, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido (FREIRE, 2011, p. 37).

Essa lição do autor mostra que ensinar não é só “despejar” conhecimento nos alunos, sem ouvir, sem ensinar os alunos e alunas a pensar³.

Docentes que trabalham na EJA devem acreditar que pessoas adultas podem aprender. Eu penso que o ser humano nasce aprendendo e morre sem aprender tudo, por isso compreendo o pensamento de Freire (2011) sobre todas as pessoas serem inacabadas:

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura

³ Eu me recordo de uma experiência na 5ª série em que um professor de Geografia utilizava uma metodologia tradicional para realizar suas aulas, essa metodologia não ensinava os alunos a pensar, serem críticos, os alunos não tinham o direito de compartilhar seus conhecimentos. Naquela época somente o professor tinha voz dentro da sala de aula. Este meu professor levava um questionário que ele mesmo dava as respostas e pedia que estudássemos. Se os alunos acertassem dez questões na prova, a nota era 10. Hoje com uma educação crítica percebo que não era o ensino mais adequado porque não aprendi geografia.

tomo parte é um tempo de possibilidades, e não de determinismo (p. 41).

Paulo Freire (2011), se coloca como um professor crítico que está aberto a mudanças e aceitação do diferente. Ele é consciente do seu inacabamento enquanto ser cultural, histórico e incompleto.

Freire (2011) destaca que o inacabamento do ser humano é próprio da experiência vital e que, onde há vida, há inacabamento. Ou seja, só vamos parar de mudar e de aprender quando morrermos.

Isso é muito importante para a EJA, que o educador acredite e plante essa esperança nas mudanças, no aprender em qualquer idade. Na primeira fase da EJA tem pessoas com mais de 60 anos, consideradas idosas, e elas são capazes sim de aprender, são inacabadas como qualquer pessoa.

Ele explica que mulheres e homens como seres éticos, somos todos e todas capazes de intervir no mundo, de analisar o mundo, de decidir o que é melhor para nossa vida humana, romper com as injustiças e escolher outros caminhos de vida (FREIRE, 2011).

Os seres humanos foram criando o mundo e inventando a desigualdade social nele, as injustiças. Freire (2011) afirma que não é possível existir sem a tensão radical e profunda entre o bem e o mal, entre a dignidade e a indignidade, entre a decência e o despudor, entre a boniteza e a feiura do mundo.

Paulo Freire (2011) não acredita que vivemos de forma “neutra”, sem tomar lado no mundo, e principalmente quando somos educadores e educadoras. O papel dos educadores é de fundamental importância na luta pelo direito a uma educação digna para os alunos da EJA, precisam incentivar os alunos por meio de diversas ações como por exemplo movimentos sociais e políticos que lutam pelo direito à educação, para que eles se sintam parte da transformação social, o professor precisa mostrar a essa modalidade que estão ali ao lado deles (dos alunos), precisam se sentir apoiados, valorizados, capazes, motivados e que tem sim o direito a uma educação de qualidade.

Paulo Freire (2011) argumenta também que ensinar exige reconhecer que somos seres não somente inacabados, mas também condicionados. Condicionados porque somos ensinados a ser de um jeito, de acordo com a nossa trajetória de vida, se vivemos com violência aprendemos a ser violento, por exemplo. Mas nós

podemos mudar, somos condicionados a ser de um jeito, mas não determinados, podemos aprender a ser de outro jeito.

Paulo Freire (2011) afirma que ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. O educador deve estar sempre atento com relação a este respeito que é também um respeito que ele tem por ele mesmo. O professor autoritário é um tipo que nega a liberdade do educando, diminuindo sua autoestima, suas qualidades, suas particularidades e sua curiosidade:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 2011, p.46).

Atitudes como ironizar, debochar ou tratar mal um aluno da EJA podem fazer com que as alunas e os alunos se sintam desmotivados, desvalorizados e até mesmo envergonhados de estar na sala de aula, isso poderia ser o pinga-que-faltava para o aluno desistir de seus objetivos.

Porque muitos desses alunos fazem um esforço enorme para estarem ali, muitos deles já chegam cansados depois de uma jornada cansativa de trabalho, com fome, preocupados com a família, enfrentando até mesmo o caos do transporte público. São pessoas sensíveis se esforçando ao máximo que podem para continuar estudando, que sentem falta de seus familiares, filhos pequenos. Creio que muitos pais e mães saem muito cedo para trabalhar e depois vão direto para a sala de aula e só retornam para suas casas quando seus filhos já estão dormindo, não é uma jornada fácil.

Os estudantes da EJA já enfrentam muitas dificuldades, por esses motivos o educador e a educadora ao criar um ambiente de respeito, empatia e apoio mútuo, aumenta as chances de sucesso do aluno na EJA, ao contrário de debochar e até mesmo tornar esses alunos invisíveis na modalidade.

O autor argumenta que métodos insensíveis não são adequados para a tarefa docente e que a autoridade não deve ser confundida com autoritarismo. Freire (2011) explica a importância do respeito à bagagem do aluno:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isso exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos (FREIRE, 2011, p.49).

Não é uma tarefa fácil para as educadoras e educadores de Jovens e Adultos conseguir oferecer educação de qualidade para seus alunos. É preciso estar sempre em busca de estudo para descobrir a melhor forma de ensinar na EJA.

Para que o educador da EJA possa se qualificar e dar continuidade em seus estudos depois de formado e melhor atender os diferentes alunos dessa modalidade é de fundamental importância o investimento do poder público, a disponibilização de materiais didáticos nas escolas, porque o educador sozinho não consegue se qualificar sem melhores condições financeiras, muitas vezes os educadores querem tirar meios de melhorias de seus próprios bolsos para beneficiar seus alunos, o que não é viável pois nem mesmo os professores são bem remunerados para investir do próprio bolso na escola.

Reflito que um bom educador, conforme nos ensina Libâneo em Didática (2017) precisa refletir e planejar as suas aulas. Assim, o educador da EJA precisa pensar dia após dia sobre cada aula planejada, quando volta pra casa ele reflete sobre as diferentes dificuldades que cada aluno compartilha dentro da sala de aula, buscando compreender como alcançar, de forma exitosa, uma aula com atividades individuais para os alunos e alunas com diferentes necessidades e dificuldades de aprendizagem, para os educadores é um verdadeiro desafio e exige uma certa intimidade entre ele e cada um de seus alunos, pois somente assim ele poderá buscar uma melhor comunicação para alcançar e ofertar um ensino aprendizagem.

O livro Pedagogia da Autonomia (2011) enfatiza também que a prática educativa não pode ser neutra e que a omissão do professor em nome do respeito ao aluno pode ser uma forma de desrespeitá-lo.

O educador ajuda a formar os seus alunos e alunas. Isso inclui o combate ao racismo, ao preconceito, ao machismo e a todas as formas de injustiça. Nesse sentido, é importante que o educador não aceite ou tolere comportamentos ou opiniões que vão contra esses valores, mas ser cauteloso para não chamar a

atenção de um jovem ou adulto individualmente na frente de todos, pois esse aluno pode se sentir ofendido e até desistir de continuar estudando, uma boa ideia é fazer um trabalho coletivo do assunto. Disponibilizando materiais explicativos ou até mesmo vídeos para todos juntos na sala de aula terem acesso aos conteúdos sobre os diferentes preconceitos.

A educadora ou educador deve não apenas abordar os conhecimentos escolares para jovens e adultos, mas também ajudar na formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de agir de forma ética e responsável na sociedade em que vivem. Sendo assim:

Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra (FREIRE, 2011, p.53).

Paulo Freire fala que “ensinar exige alegria e esperança”, defende que o professor deve ter um envolvimento com a prática educativa feita com alegria, preocupando-se em criar um clima propício para o aprendizado.

A esperança é muito importante para os alunos da Educação de Jovens e Adultos. Embora eles sejam adultos e tenham muitas responsabilidades, muitos deles podem ter perdido a esperança em relação à sua educação ou mesmo em relação a outras áreas de suas vidas. Mas a esperança é de essencial importância para o aprendizado.

Muitos deles podem estar cansados depois de um dia cheio de trabalho ou até mesmo desacreditados. Um ambiente encorajador e esperançoso pode ajudá-los a driblar essas dificuldades. Isso pode incluir uma sala de aula acolhedora, atividades interessantes e um vínculo entre estudantes e docentes.

Para Freire (2011) a esperança é uma característica própria da natureza humana, uma coragem natural possível e necessária para encarar de frente os problemas. A esperança é indispensável à luta por um futuro melhor. É a esperança que leva o adulto a voltar para a escola.

Freire (2011) defende que a alegria e a esperança são ingredientes essenciais para a prática educativa, pois permitem que a professora ou o professor e os alunos resistam juntos aos obstáculos que surgem em seu caminho de vida:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é negação da esperança (FREIRE, 2011 p.55).

Outra lição valiosa de Paulo Freire para a docência na EJA, que já comentamos neste capítulo, é que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. Compreender que o futuro não é determinado, mas sim uma possibilidade a ser construída. Nós seres humanos temos o papel de intervir na realidade, em vez de apenas nos adaptarmos a ela, somente aceitar passivamente. Todo educador e educadora deve ensinar os educandos e as educandas a resistir à opressão e à injustiça. Nas palavras dele:

A rebeldia é ponto de partida indispensável, é a deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho (FREIRE, 2011, p.60).

Nesse livro, Paulo Freire (2011) discute a importância do conhecimento e do papel do sujeito na história e na transformação da realidade. Ele afirma que o futuro não é imutável, mas sim um problema a ser enfrentado, e que a história não é uma determinação, mas sim uma possibilidade.

Freire (2011) propõe uma visão crítica da educação, que busca a transformação social e a superação das injustiças, começando pela indignação diante da injustiça.

Estudantes da EJA tiveram que abandonar a escola e enfrentam condições de vida difíceis, por isso é comum que esses alunos se sintam desvalorizados e culpados por não terem tido oportunidades de estudar e se qualificar. Muitas vezes,

eles foram ensinados a aceitar as condições injustas de vida como algo normal e sem solução. Mas cabe ao educador da EJA, abrir os olhos dos educandos para enxergarem que foi um direito que foi tomado deles, que não é culpa deles mesmos.

O educador deve ensinar os educandos a buscarem por seus direitos. Isso pode ser feito por meio da reflexão crítica sobre a realidade social em que vivem, da discussão de questões políticas e sociais que afetam as suas vidas.

Para terminar, escolhemos abordar uma última lição de Freire (2011), a de que ensinar exige curiosidade.

A prática educativa que bloqueia a curiosidade dos alunos não promove aprendizagem. A liberdade e a autoridade são importantes para a disciplina, mas o autoritarismo por parte do professor impede que o educando aprenda através de si mesmo. E o professor também não aprende, porque se ele não escuta a voz dos alunos ele também não amplia seus conhecimentos.

O exercício da curiosidade é fundamental para aprender e ensinar. O professor deve estimular a pergunta e a reflexão crítica dos alunos.

Na prática educativa, o papel do professor é despertar nos alunos o senso crítico através do diálogo e da curiosidade:

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 2011, p.65).

É muito importante dar abertura para as alunas e os alunos da EJA serem curiosos. Através da curiosidade o aluno aprende a adquirir novos conhecimentos. quando o educador dá essa oportunidade para seus alunos ele também estará aprendendo. Acredito que muito mais interessante do que apenas o educador expor sobre seus saberes são os alunos também fazerem questionamentos, compartilhar de suas experiências já vividas antes de retornarem às salas de aula e serem ensinados a refletir sobre seus direitos, saber se reconhecer como cidadão, não permitindo ter seus direitos anulados.

2.3. Como os alunos aprendem na EJA e os principais desafios docentes

A autora Stela Piconez tem uma importante reflexão sobre como os alunos aprendem na EJA. Neste item, vamos trabalhar algumas dessas ideias da autora no texto “Reflexões Pedagógicas sobre o ensino e aprendizagem de pessoas jovens e adultas”.

Para começar a escrever sobre aprendizagem de adultos é preciso saber como podemos definir uma pessoa adulta.

Piconez (2013, p.19) dialoga com os autores Berwart e Zegers (1981) para conceituar o que é ser adulto, chegando à seguinte conclusão: “[...] é todo aquele que se sente como tal e que é percebido e aceito como tal na sociedade em que vive”.

Mas apenas essa definição não explica tudo, por isso a autora apresenta algumas principais características do que é ser uma pessoa adulta: a) é ter responsabilidade nas escolhas e ações de sua vida e pelas pessoas da família, b) ter liberdade e maturidade para enfrentar as escolhas de vida que fez e que definem suas histórias; c) maior independência financeira e no caso dos alunos da EJA, são adultos que lutam por melhorias de vida, independência financeira, pois esses alunos são definidos por uma classe menos favorecida dentro da sociedade; d) autonomia para tomar decisões e controlar de sua vida e seu futuro, no caso dos adultos da EJA, o que motiva essa modalidade EJA e na busca pela conclusão do ensino básico é exatamente para garantir um futuro próspero; e) maior maturidade emocional e física; f) compromisso, altruísmo e consciência de si: a pessoa adulta, que é aluno da EJA busca é compreender e saber exatamente sua posição e compromisso potencial, com compreensão e consciência de si dentro da sociedade na qual está inserido com dignidade e direitos, e existe o peso carregado do altruísmo no qual se dispõe a servir e sacrificar pelo outro, pois lidam com os sacrifícios que fazem pela família, para sustentar a família (PICONEZ, 2013).

Durante nosso estágio em EJA, nós os alunos aqui do curso licenciatura em Pedagogia Bilíngue no Instituto Federal campus Aparecida de Goiânia, aprendemos muito sobre o que é ser adulto, tivemos a oportunidade de enriquecer nossos conhecimentos com os depoimentos de alunos com características diversificadas, que partem em busca das escolas por uma via propícia para promover o seu desenvolvimento individual.

Uma das alunas relatou que foi criada pela avó que só a matriculou na escola aos 10 anos de idade, em meio aos alunos com menor idade, era imensa

comparada aos demais alunos que chegaram à escola na devida idade, (eu imagino que ela teve que enfrentar uma mistura de sentimentos e constrangimentos perante os colegas, por esse motivo reprovou mais de uma vez e por mais que a professora se dedicou, a avó acabou decidindo que ela não era para os estudos.

Se casou muito nova, teve filhos e cuidou dos afazeres domésticos e da família, abandonando os estudos por um longo período de sua vida. Somente retornou a sala de aula quando seus filhos se casaram e ela ficou viúva, retornar a escola depois de tantos anos para ela foi a realização de um sonho, ler, escrever, entender sobre o que escuta, conseguir fazer as contas do que gasta e outras coisas mais, ao final de suas palavras ela diz que estudar “é melhor do que podia imaginar.”

O documentário Fora de Série (2018) também nos trouxe muitos depoimentos enriquecedores sobre os diversos alunos da EJA, um deles foi o de um aluno nordestino que compartilhou sobre as inúmeras dificuldades enfrentadas desde sua infância, quando começou a trabalhar com apenas 9 anos de idade porque a própria mãe que era alcoólatra o obrigava para que pudesse entregar todo o dinheiro de seu trabalho para que ela pudesse comprar as bebidas alcoólicas, exigindo que ele trabalhasse e estudasse ele ainda sofria com os maus tratos e violência física até fugir para a casa de suas tias... ele relata sobre o que chama de superação, conseguir conciliar um dia cansativo de trabalho, estudos, trajetos bastante exaustivos no percurso de casa para o trabalho, do trabalho para a escola e da escola para casa.

Todos esses exemplos mostram como os e as alunas do EJA foram forçadas a se tornarem adultas muito cedo. Sobre isso, Piconez (2013, p. 20) explica que:

Os jovens e muitos dos estudantes adultos, na maioria das vezes, são fundamentalmente trabalhadores; ora em condições de empregado e muitas vezes em condições de subemprego ou mesmo desemprego, e que estão submetidos às circunstâncias de mobilidade no serviço, alternância de turnos de trabalho, cansaço e fadiga. Entretanto, necessitam retornar à escola para atender às exigências de competitividade do mercado de trabalho. É seu projeto pessoal de vida. E, quando desistem e retornam à escola, deve-se ainda levar em conta a diversidade destes grupos sociais em termos de perfil socioeconômico, étnico, de gênero, de localização espacial e de trajetória pessoal e escolar. O jovem que se encontra inserido no trabalho apresenta características diferenciadas dos que não trabalham, pelo contato com a realidade social do trabalho.

Por isso a educação das pessoas jovens e adultas deveria ser pensada a partir de situações e não por meio de matérias/disciplinas, além disso, professores precisam de metodologias específicas, adequadas para trabalhar com adultos (PICONEZ, 2013).

Os alunos da EJA, principalmente da primeira fase (alfabetização) vão para a escola para romper com as dificuldades, particulares que cada um carrega, estes alunos não precisam começar do zero, seguindo um livro por exemplo em cada matéria/disciplina, muitos deles já tem bagagem de vida e leitura de mundo. Eles podem fazer rodas de conversa, por exemplo, e cada um expor seus desejos e vontades. A partir daí a professora pode pensar uma metodologia que alcança cada um, conteúdos que interessam a esses alunos e trabalhar em cima desses interesses e vivências. E isso não é fácil para o professor, pois este professor precisará fazer pesquisas, estudar, investigar os interesses de cada aluno, e ele não foi formado para dar aulas desse jeito, ele aprendeu a organizar o conteúdo somente por meio das disciplinas e não através do interesse dos alunos.

Além disso, é comum que o professor dentro da própria escola não tenha materiais adequados para isso, não tenha o incentivo e apoio. E é nessa hora que a troca de aprendizagens realmente acontece, entre aluno e professor, ele ensina e aprende ao mesmo tempo com os alunos e alunas da EJA. A partir dessa troca, vem as ideias e os próprios alunos têm muito a ensinar para os professores.

Para Piconez (2013), as pessoas adultas na escola precisam saber qual é a função social da EJA, entender por qual motivo estão ali realmente. As alunas e alunos têm direito a acessar conhecimento em diferentes linguagens, de acordo com suas necessidades, bagagens de vidas e motivos para darem continuidade em seus estudos.

Pessoas adultas aprendem por meio da pesquisa, do questionamento, de metodologias científicas, onde o aluno precisa não somente ouvir e ver o professor, mas participar, expor suas ideias, fazer na prática algumas atividades, ouvir os colegas e aprender com eles e trocar experiências (PICONEZ, 2013).

O educador da EJA conhece melhor sua turma quando está disposto a pesquisar, estudar e por fim planejar cada aula para conduzir e partilhar com elas e eles seus saberes (PICONEZ, 2013).

Os adultos gostam de aprender sendo considerados como adultos e não anulando seus saberes como se não houvesse toda uma trajetória de vida, práticas

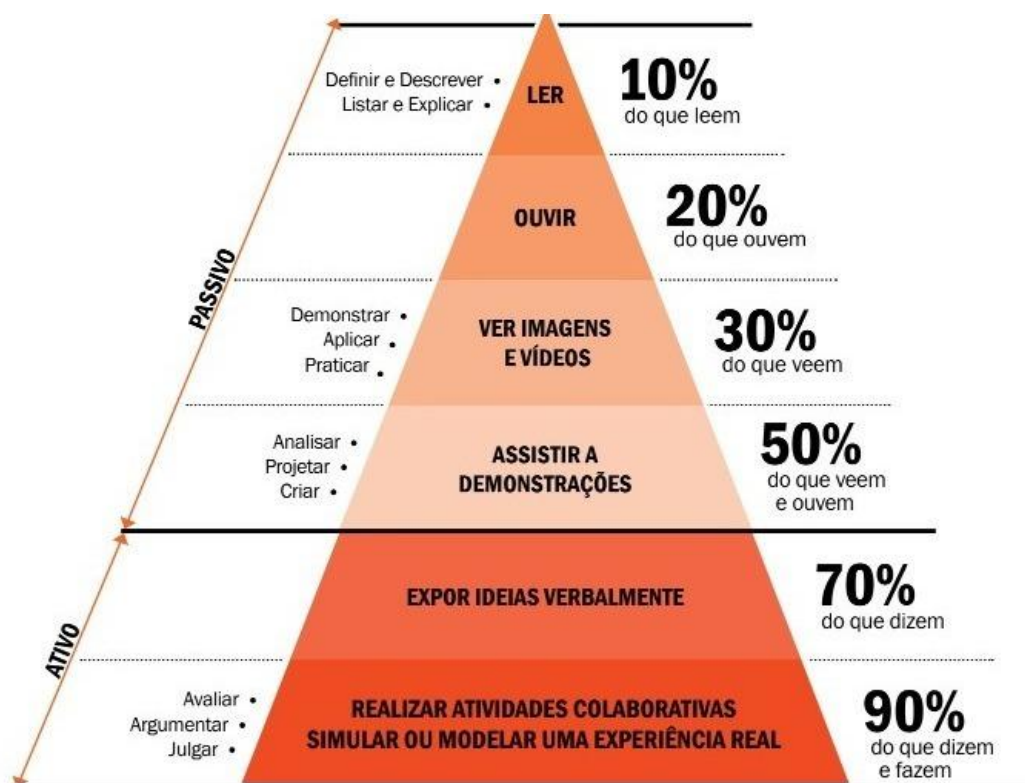
e experiências, gostam que seus saberes sejam valorizados. O aluno de uma escola da EJA aprende melhor se sentindo livre para que a partir de suas vivências possam se expressar e dessa forma aprender, sendo o professor um mediador, alguém que está a seu lado, trocando aprendizados (PICONEZ, 2013).

Em seu livro, Piconez (2013) explica também a respeito dos materiais utilizados na EJA. Educadoras e educadores ao pensarem nas aulas da EJA podem levantar questionamentos sobre os materiais na hora de selecionar:

Quais experiências dos estudantes favorecem mais a aprendizagem com o uso dos recursos didáticos disponíveis? Em que se aproximam de situações reais de vida? Quais tipos de habilidades podem ser mais eficazes em atividades na sala de aula? Como é que diferentes atividades e/ou recursos podem enriquecer e ampliar as informações contidas nos livros didáticos? O material didático disponível traz contribuições que favorecem a aprendizagem e construção de conhecimentos pelos estudantes? (PICONEZ, 2013, p.29).

Na experiência do estágio em EJA, feito na graduação em Pedagogia Bilíngue, no município de Aparecida de Goiânia com as duas escolas que oferecem a primeira fase da EJA, foi comum os “desabafos” das dificuldades que as professoras enfrentam quanto aos materiais didáticos. Essa situação é uma forma de negar o direito à educação de qualidade, na escola mesmo, pois é um retrato do baixo investimento na EJA, falta de políticas públicas voltadas para a educação de jovens e adultos. É importante sim fazer uma boa seleção dos materiais, mas nem sempre as professoras têm recursos e acesso a bons materiais para utilizar com os alunos. Professoras ficam “se sacrificando” individualmente para tentar atingir os objetivos.

A pesquisadora Piconez (2013) apresenta um “Cone da experiência” em seu livro:



Fonte: Adaptado de E. Dale, *Audiovisual methods in teaching*, 1969, Nova York: Dryden Press.

O cone da experiência foi desenvolvido em uma pesquisa do autor Edgar Dale nos anos 1960. Este cone mostra que as pessoas podem aprender de forma diversificada. Sobre a educação de pessoas jovens e adultas:

Edgar Dale teorizou que os estudantes retêm mais informação pelo que eles “podem fazer” em oposição ao que é “ouvido”, “lido” ou somente “observado”. Sua pesquisa levou ao desenvolvimento do Cone da Experiência. Hoje, esse “aprender fazendo” tornou-se conhecido como “aprendizagem experiencial” ou “aprendizagem de ação” (PICONEZ, 2013, P. 27).

Dale adverte sobre a importância do educador buscar em suas alunas e alunos informações sobre suas diferentes características e por meio delas possa não somente utilizar os materiais didáticos disponibilizados como revistas, cadernos, vídeos e filmes, mas também mudar o foco e colocar os alunos e alunas como protagonistas do seu próprio aprendizado (PICONEZ, 2013).

O autor Dale afirma que os alunos da EJA aprendem de diversas formas como: a visão, a audição e a experiência física na interação com um recurso (PICONEZ, 2013).

É importante que seja utilizada uma metodologia projetada com a participação dos próprios alunos para o ensino aprendizagem. Precisa ir muito além de se utilizar os materiais didáticos de uma escola, os educadores dessa modalidade precisam se interessar pelas experiências de vida dos adultos, transformar a sala de aula em um espaço de troca e apropriação de saberes, tornando significativo para todos os envolvidos. As aulas devem estar baseadas em oportunidades específicas relacionadas com as necessidades de cada estudante e seus objetivos futuros (PICONEZ, 2013).

Quando o ensino não é adequado existe desânimo e evasão. Por isso, apontamos como desafios para a EJA (PICONEZ, 2013, p.32):

- diminuir a distância entre o que os estudantes esperam e o que a escola pode oferecer;
- provocar e produzir conhecimentos tendo como base o conjunto cultural rico de todos os estudantes;
- contextualizar as atualidades sob perspectivas interdisciplinares;
- ampliar a autoestima e a valorização como cidadãos;
- evitar a exclusão social e cultural;
- evitar o insucesso escolar e lutar pelo acesso e permanência deles na escola.

Quando pensamos em docentes, com a Piconez (2013) o grande desafio dos professores continua sendo disponibilizar aos alunos da EJA uma metodologia transformadora que a partir de suas vivências os alunos possam ser motivados a questionar, a interpretar e ter um pensamento crítico, em vez de lhes oferecer a metodologia tradicional focada na famosa “decoreba” e mesmices na forma de ensinar, acredito que a grande maioria dos professores da modalidade da EJA enfrenta muita dificuldade em disponibilizar uma educação que possa alcançar esses diferentes alunos.

É possível entender que a EJA tem muitos desafios para a docência, um primeiro tem a ver com o investimento do poder público na EJA. Este desafio tem relação com os profissionais que atuam na EJA, com investimento é possível ter uma coordenação pedagógica própria da EJA para apoiar os professores, pois trabalhar sem apoio compromete a qualidade da docência. Um segundo desafio é ter material adequado, os e as professoras da EJA enfrentam muitos obstáculos com a falta de livros didáticos próprios para a modalidade. Um terceiro é ser formado para trabalhar com criança e depois precisar mudar essa didática para atuar com

adultos na perspectiva da andragogia e não na pedagogia. Por isso, é necessário enfrentar o desafio da formação continuada.

Um último desafio é ensinar com atenção aos alunos e alunas da EJA, considerando suas particularidades, mesmo sendo um professor que já trabalha durante o dia com crianças e chega cansado em sala de aula. Vencer este quarto desafio implica melhores salários e condições de trabalho, para que alguns professores e professoras se dediquem somente a EJA e não a utilizem como complementação de renda. Além disso, o docente da EJA precisa ter tempo de estudar e montar um currículo diferente, a partir dos interesses dos alunos e não do que está pronto no currículo do ensino fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso pesquisei o tema “A Educação de Jovens e Adultos e os desafios para a docência” por compreender que a EJA

merece nossa atenção devido ao descaso histórico ao qual foi submetida. Por muito tempo, essa modalidade foi negligenciada pelas políticas públicas, resultando em altos índices de analfabetismo e exclusão social até nos dias atuais.

O trabalho pedagógico com jovens e adultos tem muitos desafios. A falta de recursos adequados, a desvalorização dos profissionais e a escassez de formação específica são alguns desses obstáculos que a docência na EJA enfrenta.

Portanto, a pesquisa teve como objetivo geral compreender o que é a EJA e especificamente a docência nessa modalidade de educação. Entender como os educandos e educandas da EJA aprendem e por isso quais são as práticas educativas adequadas.

Apresento nas considerações o que alcancei com o estudo. O primeiro objetivo específico era “compreender o que é a EJA, os seus principais marcos e sujeitos”. No capítulo 1 aprendemos que a EJA é uma modalidade da Educação Básica voltada para pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos na idade considerada adequada.

A EJA no Brasil foi mudando ao longo dos anos. Começando no período colonial e parte do Império com os Jesuítas. Nessa época, a educação era com crianças indígenas e adultos através da catequese. Até o século XIX apenas uma pequena parte da população, principalmente as elites, desfrutava dos direitos de cidadania, e muitos adultos eram analfabetos. Na Primeira República o Brasil chegou ao ponto de até ter mais de 70% da população com mais de 5 anos analfabeta.

Durante o governo de Getúlio Vargas, houve uma política de centralização do Estado, o que impactou a educação no Brasil. Naquele momento era necessário aprender pelo menos o básico para trabalhar nas indústrias, fábricas, em um país urbano e industrial. Um exemplo, foi a criação do sistema "S", em 1942, composto por diversas instituições voltadas para questões profissionais, como o Sesi, Sesc, Senai, Senac, entre outros. A partir dos anos 1940 crescem as campanhas nacionais de alfabetização para jovens e adultos em todo o país.

Até os anos 60, período tivemos as “luzes” que foi um momento de contribuição do educador Paulo Freire para a EJA. Ele defendia uma educação libertadora, transformadora que o sujeito fosse capaz de fazer uma leitura de sua própria vida dentro da sociedade, se libertando de ser uma pessoa alienada, mas foi impedido pelo golpe militar em 64 que o via como uma ameaça ao poder que o

governo possuía sobre a população. No período militar foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) para alfabetizar os adultos em pouco tempo, ensinando apenas a ler e escrever a metade da população que continuava analfabeta.

Após a ditadura, temos a redemocratização. O país iniciou um processo de democratização que trouxe mudanças políticas, sociais e culturais importantes. No final dos anos 80 temos a nova constituição, que garante direito a educação para todos. Nos anos 1996, temos Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394. Essa lei estabeleceu as bases para o sistema educacional brasileiro, garantindo o direito à educação de qualidade para todos os brasileiros e nessa lei está o direito a EJA.

Apesar dos avanços ocorridos desde os anos 2000, é preocupante constatar que ainda existem milhões de pessoas analfabetas, de acordo com dados da PNAD de 2019. Outro desafio enfrentado é a juvenilização do analfabetismo, indicando que jovens estão sendo privados de permanecer na escola no tempo regular. Essa realidade educacional exige ações urgentes e efetivas por parte dos governos e da sociedade como um todo, visando a garantia do direito à educação e a promoção de um futuro mais inclusivo e igualitário para todos os indivíduos.

Ainda no primeiro objetivo aprendemos sobre quem são os sujeitos da EJA. Por meio da reflexão e discussão do documentário Fora de Série (2018), compreendemos que os sujeitos da EJA são pessoas que viviam e vivem na pobreza, que desde muito cedo precisaram trabalhar, alguns ainda crianças para ajudar nas despesas e alimentação da própria família, são também as pessoas negras que além da dificuldade financeira, desistiram ou foram expulsas das escolas por sofrerem preconceitos da parte dos colegas e educadores, são também mulheres que não recebiam nenhum tipo de apoio familiar para estudar, sofrem não apenas com a questão financeira, mas com o machismo e a violência.

O segundo objetivo específico era “Refletir sobre a prática docente na EJA”. A reflexão começa com o debate da andragogia. A Andragogia reconhece as diferenças entre ensinar adultos e crianças no processo de aprendizagem, é voltada para a educação de adultos, levando em consideração suas características, experiências de vida e necessidades específicas. Ao contrário do ensino tradicional, onde o professor é o detentor do conhecimento que transmite a seus alunos, a Andragogia valoriza a participação central dos adultos no processo de aprendizagem. Na Andragogia, os alunos são estimulados a assumir a responsabilidade por seu

próprio aprendizado, estabelecendo metas, identificando os assuntos que quer estudar, os educadores atuam como “facilitadores” do conhecimento, criando um ambiente estimulante, onde os interesses dos adultos e a aplicação do conhecimento é o principal.

Identificamos o que propõe a andragogia e apresentamos as contribuições do Paulo Freire para a docência de jovens e adultos. A proposta de educação de Paulo Freire é a de uma educação libertadora, que busca libertar as pessoas da opressão, promovendo uma transformação social por meio de uma educação crítica e não é apenas a forma de ensino que precisa ser alterada, mas também o conteúdo (o que se ensina), sendo essencial que as pessoas da EJA consigam refletir sobre seu lugar e seu papel na sociedade, sua história de vida e especialmente sua cidadania e direitos. Com Paulo Freire pensamos que a prática do professor e da professora precisa ser acolhedora, incentivadora, o educador precisa se envolver na modalidade com muita responsabilidade, comprometimento, empatia, criticidade, alegria e esperança. O educador e a educadora da EJA não podem ser tradicionais, mas sim acreditar nos seus educandos e educandas, os apoiando na luta por uma vida mais justa, levando seus alunos e alunas a sempre acreditar que através da Educação é possível, ao menos em parte, se realizar em suas vidas.

Os desafios da EJA são muitos, conforme trabalhado no segundo capítulo, a EJA precisa de: investimento financeiro pelo poder público; materiais adequados; coordenação pedagógica própria; professores e professoras com melhores salários para se dedicar a EJA e construir os currículos a partir das vivências dos alunos e alunas; e por último, formação continuada para que estes docentes atuem não mais de forma tradicional na perspectiva da pedagogia, mas sim da andragogia.

Como melhoramento futuro da temática aqui pesquisada, seria muito importante conhecer as escolas que ofertam a EJA pessoalmente, seria muito gratificante poder entender todo o processo de ensino e aprendizagem da EJA na prática, as dificuldades que os docentes enfrentam, não só os educadores, mas todos os funcionários que fazem parte dessa modalidade, poder conversar, ouvir e perguntar sobre as histórias de cada aluno e aluna, poder participar de uma roda de conversa com esses alunos e os educadores com certeza seria muito significativo e realizador em minha pesquisa. Isso não foi possível, por conta do tempo para desenvolver a minha pesquisa de TCC, mas é um desejo futuro.

Foi muito gratificante, prazeroso, enriquecedor, honroso e importante para mim poder realizar essa pesquisa, compartilhar com meus amigos da faculdade, professoras e professores e familiares, quando falo da realização da pesquisa a sensação que sinto é o estado de algo que desperta satisfação, orgulho e contentamento. Adquirir conhecimentos sobre os sujeitos da EJA foi para mim intensificar um olhar mais humanizado dentro da sociedade em que vivo, na minha família, no meu trabalho e principalmente fazer reflexões futuras desempenhando-me como educadora, como pedagoga.

Muito do que aprendi sobre as histórias dos sujeitos da Eja eu não imaginava, como por exemplo o aluno ter que além de enfrentar um turbilhão de dificuldades para estar dentro da sala de aula, ter que enfrentar também vários tipos de preconceitos e racismo.

Algumas vezes me senti como esses alunos, para ser bem sincera me identifiquei muito com eles, chorei sozinha, chorei com os colegas, desabafei, ouvi, fui ouvida, incentivei, fui incentivada e me emocionei por muitas e muitas vezes... com alguns educadores e funcionários da instituição em que essa pesquisa foi realizada, durante a minha formação. Posso analisar que graças a uma educação de qualidade fui capaz de superar estes desafios de estudar na vida adulta e me tornar uma pedagoga.

E agora, com a conclusão da pesquisa, almejo que a modalidade da Educação de Jovens e Adultos seja impulsionada em favor de um objetivo maior: incentivar um número cada vez maior de pessoas a retomarem seus estudos. Desejo profundamente que o poder público invista na EJA, reconhecendo sua importância e potencial transformador na vida desses sujeitos. Desejo que todos os professores e professoras da EJA sejam acolhedores e apoiem seus alunos e alunas como as minhas professoras foram comigo, quando eu decidi voltar a estudar.

É fundamental que os educadores e educadoras, que atuam nesse segmento, busquem constantemente continuar estudando, com formações específicas, eles estarão mais bem preparados para lidar com as particularidades e desafios que a EJA enfrenta.

Inspiro-me nas palavras do grande educador Paulo Freire, que nos ensinou a importância de cultivar a alegria e a esperança em sala de aula. Desejo que esses professores e professoras, assim como Paulo Freire, tenham a capacidade de

partilhar conhecimento de forma generosa, criando um ambiente acolhedor, solidário e repleto de esperança para seus alunos e alunas.

Por meio desse conjunto de ações, que um dia quem sabe vierem a ser tomadas pelo poder público, nós professores e professoras comprometidas, conseguiremos vislumbrar um futuro no qual a EJA seja cada vez mais valorizada e ofereça oportunidades igualitárias de educação a todos os que tiveram esse direito negado e agora desejam retomar seus estudos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Pobreza, desigualdades e educação**. Curso de Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Coleção: **Trabalhando com a educação de jovens e adultos**, Caderno 1: alunas e alunos da EJA. Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade(SECAD), Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB n. 11/2000**. Brasília: CNE: MEC mai. 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Brasília, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

EITERER, Carmem Lucia; DIAS, Jacqueline; COURA, Marina. **Aspectos da escolarização de mulheres na EJA**. Perspectiva, v. 32, n. 1, p. 161-180, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília, DF: MEC, 2005. p. 143-154.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista brasileira de educação, n. 14, p. 108-130, 2000.

MARTINS, Rose Mary Kern. **Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos**. Revista de Educação Popular, v. 12, n. 1, 2013.

PORCARO, Rosa Cristina. **Educação de jovens e adultos: A regulação das políticas educativas no Brasil**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anais17/txtcompletos/sem02/COLE_3509.pdf. Acesso em: fev de 2023.

SALVADOR, Angelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre, RS: Sulina, 1986.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Centro de Educação de Jovens e Adultos. **Reflexões pedagógicas sobre o ensino e aprendizagem de**

peças jovens e adultas. Elaborado por Stela C. Bertholo Piconez. São Paulo: SE, 201.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2017

SOUZA FILHO, Alcides Alves de; CASSOL, Atenuza Pires; AMORIM, Antonio. **Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 29, p. 718-737, 2021.

VOGT, Maria Saleti Lock; ALVES, Elíoenai Dornelles. **Revisão teórica sobre a educação de adultos para uma aproximação com a andragogia.** Educação, v. 30, n. 2, p. 195–214, 2011.

Documento Digitalizado Público

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assunto: Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final
Assinado por: Matheus Souza
Tipo do Documento: Documentos
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Público
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:
■ **Matheus Pereira de Souza, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 07/08/2023 07:47:50.

Este documento foi armazenado no SUAP em 07/08/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 461368
Código de Autenticação: 04786c1ff3

